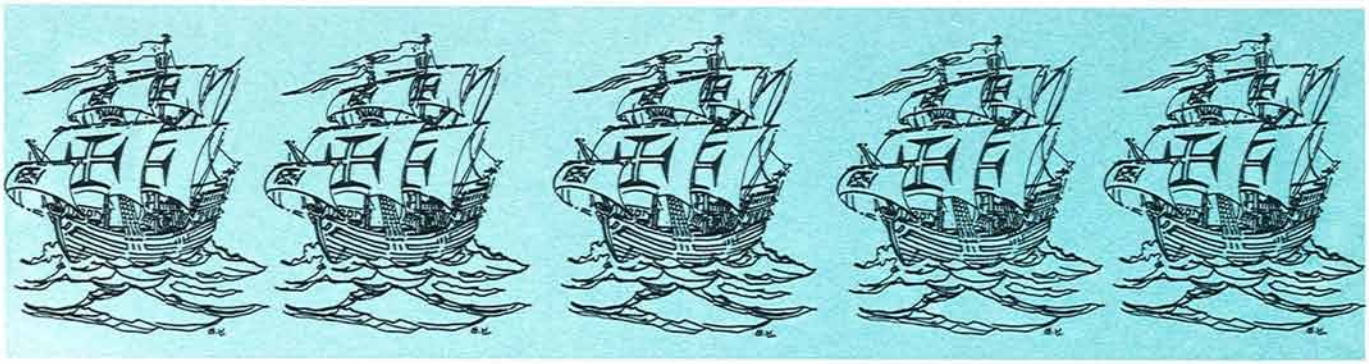
Revista da Armada

Nº 40/JANEIRO 1975/ANO IV

Sumário

		Pág.
M. do Vale	**Nota de Abertura**	3
O. Lemos	**Bibliografia**	4
M. Horta	**Efemérides Navais**	5
Comando da Esquadrilha de Submarinos	**O Serviço de Submarinos da Marinha de Guerra Portuguesa**	6
H. Bonjour	**Anda Camarada Amigo**	8
M. Horta	**Notícias Pessoais**	9
O. Lemos	**Ciências, Artes e Letras** O Cubismo – *Uma encruzilhada nos Caminhos da Arte*	10
S. Elpídio	**Terminologia Naval**	15
O. Lemos	**Os «Quartos» e a Tradição Naval**	16
Vários	**Saibam Todos**	17
S. Santos	**Episódios...**	17
Redacção	**Voz da Abita**	18
S. Oliveira	**Desportos**	22
G. Brandão	**Filatelia**	24
Vários	**Curiosidades**	26
S. Elpídio	**Reportagem**	27
Vários	**Quarto de Folga**	32



REVISTA DA ARMADA
Publicação Oficial
da Marinha

Director e Editor:
Comodoro António Júlio Malheiro do Vale

Orientação gráfica:
Hernani Lopes

Publicação mensal

Propriedade
do Ministério da Marinha

Redacção e Administração
Praça do Comércio
Telefone: 36 89 60

N.º 40 / JANEIRO 1975 / ANO IV

Preço de venda avulso	5$00
Assinaturas anuais:	
Continente, Ilhas, Ultramar, Espanha e Brasil (via normal)	50$00
Estrangeiro, excepto Espanha e Brasil (via normal)	68$00
Ilhas (via aérea)	75$00
Ultramar (via aérea)	137$00

Na capa:

ESCOLA DE MERGULHADORES DA ARMADA – Instrução. Pausa para descansar num submarino.

(Foto de A. Fernandes, Fotóg. do Gab. de Fotogr. do EMA)

Execução gráfica:
LISGRÁFICA, Impressão e Artes Gráficas, S. A. R. L.

Nota de Abertura

Ano Novo, Vida Nova

Esta nota devia ser um resumo do que foi o ano de 1974 e um prognóstico do que será o de 1975, sobretudo no que diz respeito à Marinha. Seria, porém, impossível atingir esse objectivo no pequeno espaço de que dispomos. Limitar-nos-emos, por isso, a dar uma ligeiríssima imagem do que pessoalmente pensamos sobre o assunto.

O ano que acabou, trouxe-nos, com as flores da Primavera, uma revoada de alegria, de esperança e de liberdade. Abriram-se as bocas emudecidas há muitos anos, manifestou-se o povo acerca dos gravíssimos problemas que afligiam a Nação. Foi da vontade geral que acabasse o colonialismo e a guerra do ultramar, que acabasse a PIDE, a Legião e a Mocidade Portuguesa que para nada serviam, que acabasse a prepotência e a exploração do homem pelo homem... Quer-se um país livre e democratizado, quer-se o trabalho valorizado, quer-se o nível de vida melhorado...
E tudo isto tem de ser feito e está a fazer-se, com prudência, com serenidade, com os pés bem assentes no chão. É uma tarefa gigantesca em que todos temos de colaborar. Que não nos falte o ânimo...

O ano que vai começar é um ano essencialmente de fé. Fé nos destinos da Pátria e da Marinha, fé nos homens que nos governam, e fé, sobretudo, nesse maravilhoso povo português que, quando quer, é capaz de tudo...

Finalmente, resta-nos desejar a todos os nossos leitores, e de um modo especial à nossa grande família naval, um ANO NOVO MUITO FELIZ.

Com.

Bibliografia

JARDINS DE GUERRA
(poesia) por Casimiro de Brito

«Poemas, sim, mas de fogo devorador. Redondos como punhos diante do perigo. Barcos decididos na tempestade. Cruéis. Mas de uma crueldade pura: a do nascimento...»

Os poemas de Casimiro de Brito, insertos neste volume, agora reeditados pela editora Assírio e Alvim, têm uma característica peculiar: são cruéis. Realmente, pesados como punhos, cruéis como o fogo! Sem voos rasgados e com uma imagística sóbria, são no entanto poemas sinceros e de uma grande honestidade. A cada passo topamos essa coragem de se enfrentar a si próprio nesse conflito de sentimentos que faz o poeta.

JAZZ-OFF
(crítica) por Lima Barreto

Apareceu recentemente em edição de «Paisagem» esta obra crítica dedicada ao jazz. Para aqueles que acompanham de perto o mundo do jazz, este livro polémico oferecerá muitos aspectos interessantes e discutíveis.

FELDEGATO CANTABILE
(poesia) por Martins Garcia

Ainda da editora «Paisagem» surgiu há pouco este livro de poemas de Martins Garcia que, glosando o «gato» como símbolo consegue urdir poéticas histórias cujo humor destila um certo sabor ácido que às vezes é difícil de tragar. No «gato português» («não dizia sim/nem não nem talvez») muita gentinha passa a ter um perfeito retrato com que não contava... «Gato eleitor» é um dos mais estupendos poemas do livro. Livro que, em boa verdade, vale a pena folhear...

85 POEMAS REALISTAS
(poesia) por Manuel Seabra

Será que fazer poesia é mais fácil que fazer prosa?
No panorama editorial português assim parece.
Surge, agora através da editora Futura, mais um livro de poemas. Manuel Seabra é aqui um poeta intelectualizado em excesso, cultivando uma solidão e isolamento que se tornam frialdade e desamor. De cunho quase narcísico, faz recurso a citações de nomes colhidos no mundo da cultura que redundam num verdadeiro exibicionismo que nos parece desajustado.

IR À GUERRA
(romance) de Modesto Navarro

Em edição da Futura, publica Modesto Navarro, neste livro, a sua visão da guerra no ultramar. Não é uma epopeia nem uma tragédia o que o autor analisa de forma quase didáctica. É todavia uma versão corajosa e verdadeira desses longos caminhos da dor e do sacrifício.

NÓS... SOMOS NÓS TODOS
por Antero Simões

Em edição do autor surgiu este livro de louvável intenção patriótica que todavia resulta muito discutível dado o carácter de nacionalismo de cariz às vezes um tanto duvidoso a que nos habituámos na prosa de alguns pretensos historiadores mais patrioteiros que patriotas. A história pátria abunda em feitos de valor mas não precisa que lhe desumanizem ou divinizem os heróis envolvendo-os num halo de glória que os afasta de nós. Há necessidade de sentir a História mas para isso é preciso que não coloquem os que a fazem pelo seu valor e coragem na inacessibilidade dos altos pedestais. Corre-se o risco de os isolar, coisa que por certo não fomentaram em vida.

A EMIGRAÇÃO PORTUGUESA EM FRANÇA
(ensaio) por J. A. Pires de Lima

O livro de Pires de Lima que a Estampa editou reproduz o trabalho apresentado pelo autor à Associação Internacional de Juristas Democratas em 1973 e denuncia as condições em que trabalham e vivem os emigrantes portugueses em França. Vale a pena ler para fazer ideia da marginalização dessa pobre gente.

ISABEARCOIRISDOVINHO, PAHÓPITÉA E OS CAVALOS AZUIS QUE LEEM POEMAS DE ANDRADE
por Carlos Mota de Oliveira

Quem queira abeirar-se de um livro surrealista (o surrealismo fez sua época há uns bons 40 anos) tem agora aqui uma explêndida oportunidade.
É o livro de um artista independente e livre que não receia a criatividade ainda que descontrolada ou desordenada. Há neste livro, no entanto, muita poesia e muita ternura; basta ser capaz de a procurar e entender.

O. Lemos
Cap.-frag.

Em defesa da República e da Democracia

Os implicados no movimento perante o Tribunal. Na foto, entre outros, podem-se ver os cap.-m.-g. Mendes Cabeçadas, 1.º-ten. maq. António Baptista, 2.º-ten. maq. Rodrigues dos Santos, g. m. Manuel Beja Corte-Real, g. m. José Soares de Oiveira, 1.º-sarg. da Armada Ventura dos Santos e 1.º-sarg. da Armada José Coelho

O aspecto da mesa do Tribunal de Marinha no momento da leitura da sentença, que absolveu todos os implicados na revolta. O tribunal era presidido pelo v.-alm. Paula Cid, tendo como jurados os c.-alm. Ramiro da Costa, Mariano da Silva, Francisco dos Santos, Pedro Silva, Pedro de Azevedo Coutinho e Gomes da Costa e como juiz auditor o dr. Teixeira de Sampaio

Publicamos hoje dois aspectos do julgamento dos revoltosos de 19 de Julho de 1925, em que o cruzador «Vasco da Gama» teve papel importante. O cap.-m.-g. Mendes Cabeçadas, seu comandante, seria o chefe do movimento, de quem o jornalista Rocha Martins, na altura, diria: «(...) alheio a partidos políticos depois da proclamação da República, honrada figura de militar, chefiou o movimento que deflagrou na manhã de 19 de Julho e o qual tinha por base a dissolução do Parlamento e a entrega do Governo a um grupo de republicanos que fariam as eleições numa grande isenção».

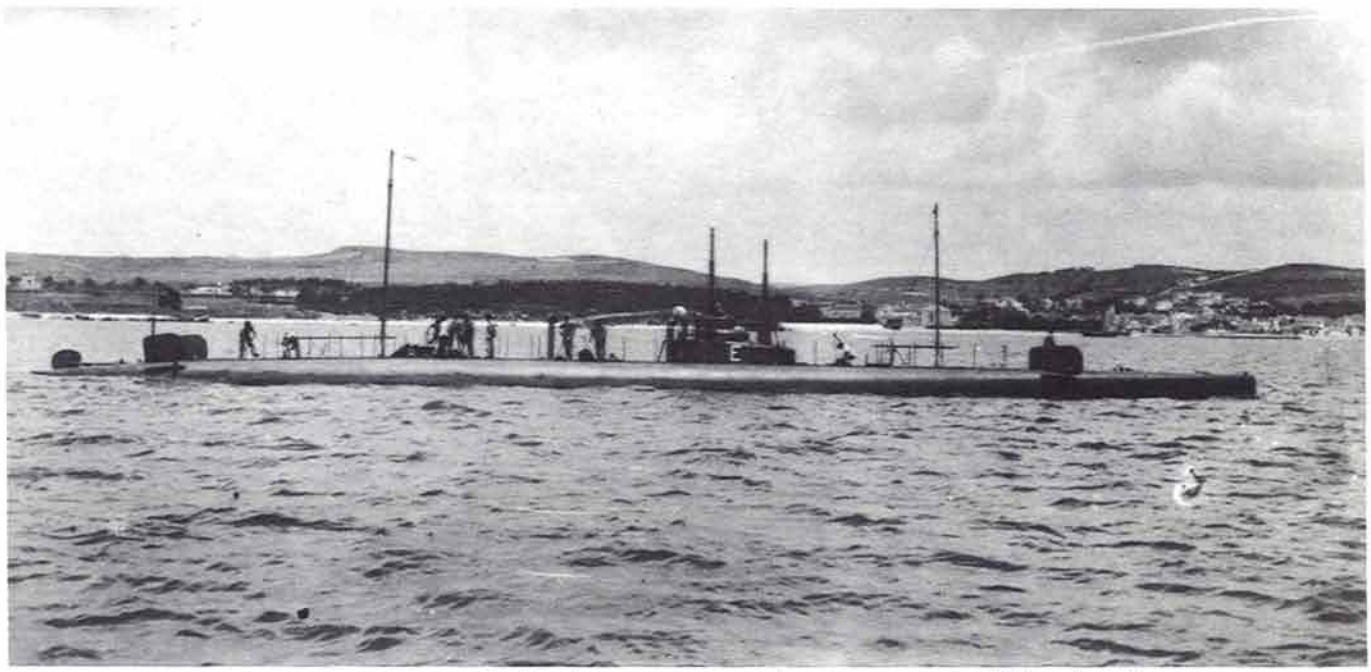
Acerca do ambiente em que se vivia no ano de 1925 e que originaria a revolta de 19 de Julho, levou o eng.º Cunha Leal – grande defensor da democracia e vítima do fascismo – a escrever, na década de 60, em «As minhas memórias»:

«A balbúrdia política ia fornecer ao reaccionarismo nacional ensanchas para fazer jungir republicanos no mais puro idealismo, entre outros, Mendes Cabeçadas, às suas arremetidas contra a ordem «democrática». Fora este um dos artífices da proclamação do novo regime e, homem de honra, sentia-se preso e essa responsabilidade, que os seus escrúpulos exageravam, excessivamente. Em 19 de Julho de 1925, esse sentimento de culpa arrastara-o até à insurreição. Absolvido em Novembro seguinte, nunca mais deixou de se agitar e conspirar. A tal o induzia agora

a certeza de que os saudosistas do passado monárquico estavam a assumir no fenómeno revolucionário uma preponderância que exigia da parte dos republicanos descontentes pela inércia e a incapacidade governativa uma intromissão e preponderante, sob pena de soçobrar entre nós a democracia (...)».

M. Horta
Sarg.-aj. L

O Serviço de Submarinos da Marinha de Guerra Portuguesa *(resumo histórico)*



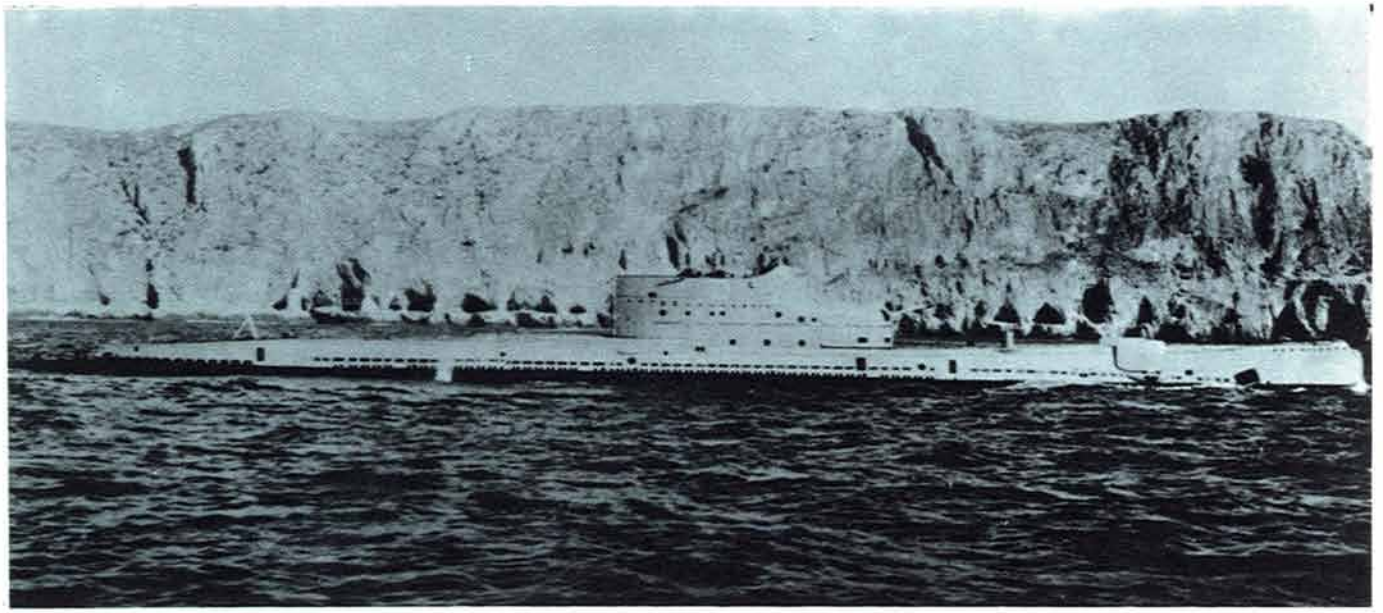
O «Espadarte» – primeiro submarino português (1913) – da 1.ª esquadrilha, da qual faziam parte, além daquele, os submarinos «Foca», «Golfinho» e «Hidra»

Em 1907, na Assembleia Legislativa, foi pela primeira vez abordada a possibilidade de serem adquiridos submarinos para a Marinha de Guerra Portuguesa. Esta ideia foi concretizada mediante a encomenda de um submarino de 230 toneladas a um estaleiro italiano no dia 17 de Junho de 1910. Este submarino receberia o nome de «Espadarte». Portugal, foi assim, entre as pequenas nações, a primeira a possuir submarinos, e pode-se considerar que a era da navegação submarina no nosso País, se iniciou no dia 15 de Abril de 1913, com a primeira imersão do submarino «Espadarte» ao largo de Spezia (Itália) arvorando a bandeira portuguesa.

A chegada deste submarino a Lisboa, após a entrega à Marinha Portuguesa, verificou-se em 5 de Agosto de 1913.

Seguiram-se, anos mais tarde, outros três submarinos, com características semelhantes ao «Espadarte», e que chegaram a Lisboa a 5 de Abril de 1918. O «Espadarte» e os outros três submarinos que receberam os nomes de «Foca», «Golfinho» e «Hidra», constituiram a primeira esquadrilha.

Estes submarinos, entraram na Grande Guerra ao lado das forças aliadas, tendo como missão o patrulhamento da costa portuguesa.



O «Delfim» (1930), que com o «Espadarte» e «Golfinho» constituiram a 2.ª esquadrilha

Com a criação da primeira esquadrilha, houve necessidade de construir uma base de apoio. Assim, a primeira Base de Submarinos e todo o complexo de serviços foi instalado em 1918, nuns terrenos circundantes à Doca de Belém.

Em 1940 houve que transferir a Base de Submarinos para as instalações navais do Alfeite, onde se encontra actualmente, integrada no conjunto da Base Naval de Lisboa.

A segunda esquadrilha nasceu quando da execução do programa naval de 1930 que incluiu três submarinos construídos em Inglaterra, os quais chegaram a Portugal em 1935 e que vieram substituir os quatro submarinos anteriores. Os três submarinos adquiridos em Inglaterra, que receberam os nomes de «Golfinho», «Delfim» e «Espadarte», constituiram a segunda esquadrilha.

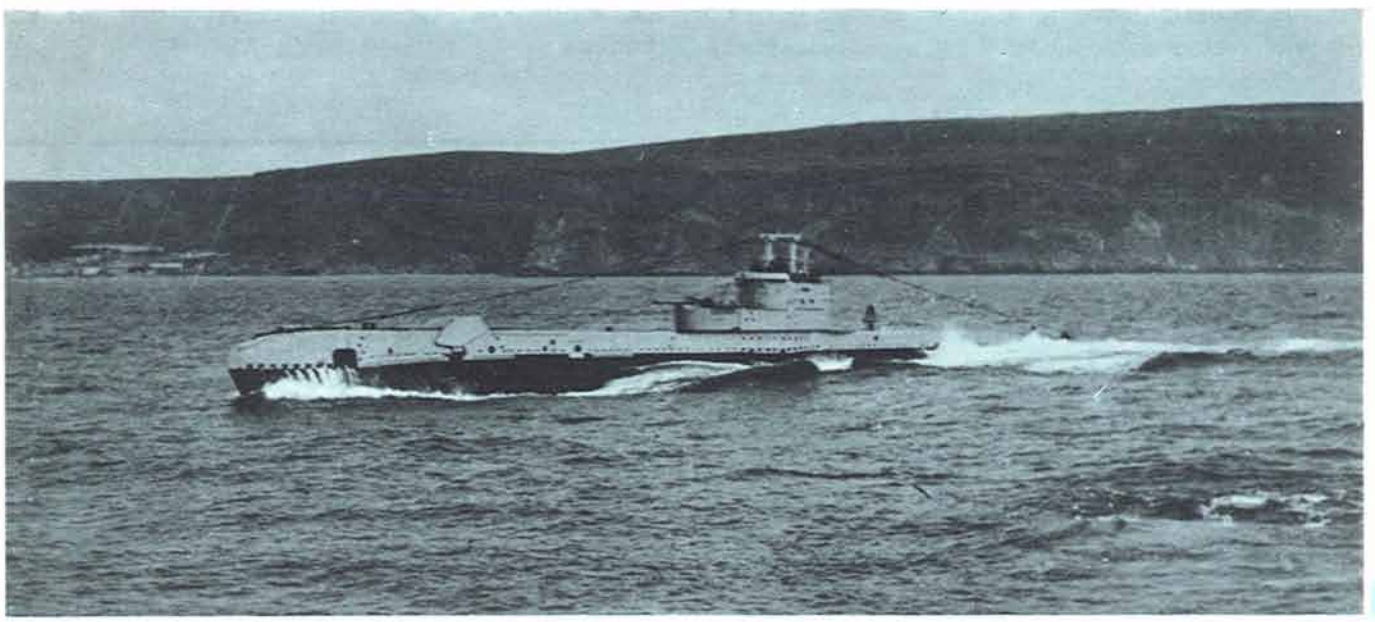
Ao longo de toda a sua existência estes submarinos prestaram óptimos serviços à Marinha de Guerra, tomando parte em todas as manobras e exercícios da nossa esquadra, não só nas águas continentais como fora delas.

Durante o período mais crítico da II Guerra Mundial (1941-42-43) e perante a necessidade imperiosa de actualizar e treinar as nossas unidades de superfície na luta A/S, utilizando métodos que então evoluiam a largos passos, tiveram os nossos submarinos uma importante tarefa a desempenhar.

Com o envelhecimento destes submarinos foi decidido adquirir em 1947 à Inglaterra, três submarinos da classe «S», os quais tinham sido completados quase no final da II Guerra Mundial.

Estes submarinos que constituiram a terceira esquadrilha tiveram os nomes de «Narval», «Nautilo» e

O «Narval» (na foto), o «Nautilo» e o «Neptuno» formaram a 3.ª esquadrilha (1947)



Os submarinos da classe «Albacora» constituem a actual 4.ª esquadrilha (1968). Na foto o «Albacora», irmão gémeo dos «Barracuda», «Cachalote» e «Delfim»

«Neptuno».

A actuação destes submarinos, quando na posse da Marinha Portuguesa, foi muito intensa pois participaram em inúmeros exercícios navais tanto nacionais como internacionais, não mencionando o árduo trabalho do treino das guarnições dos navios de superfície nacionais na luta A/S.

Em 1964 foi efectuado contrato com um estaleiro francês para a construção de quatro submarinos da classe «Daphné».

Os quatro submarinos construídos em França e que receberam os nomes de «Albacora», «Barracuda», «Cachalote» e «Delfim», chegaram a Portugal entre 1968 e 1970.

Estes submarinos que integram a quarta esquadrilha, agora a vigorar, têm desenvolvido um largo esforço nos seus diferentes campos de acção, isto é, treino próprio, treino das unidades de superfície portuguesas e colaboração em exercícios nacionais e internacionais.

O treino dos novos submarinos é feito mediante um período teórico na Escola de Submarinos e um período prático, embarcado nos submarinos operacionais.

Em 1949, criava-se na nossa Marinha, integrada no Serviço de Submersíveis, a Secção de Mergulhadores e de Salvação da Armada, embora já existisse a especialização de mergulhador desde 1898, que se transformou, em 1958, em Serviço de Mergulhadores e de Salvação da Armada, tendo passado a denominar-se Escola de Mergulhadores, a partir de Dezembro de 1973. Esta Escola faz parte integrante da Esquadrilha de Submarinos.

(Colaboração do Comando da Esquadrilha de Submarinos.)

ANDA, CAMARADA AMIGO!

Anda, camarada amigo,
dá-me a tua mão,
e juntos, os dois,
subiremos à altura das aves,
descobriremos outro mundo,
entoando o nosso hino
por sobre as hipocrisias.
Anda, camarada amigo,
tu e eu, vamos rir,
dos limites permitidos
que existem na sociedade.
Construir os nossos sonhos
sobre uma rede de estrelas.
Cuspir nas burocracias.

Helena L. M. Coentro Bonjour
Funcionária da D. S. E. C.

Notícias Pessoais

CASAMENTOS

Asp. graduado em subten. RN José Manuel de Lemos Gonçalves da Costa com D. Maria Isabel Peres Couto Soares Gonçalves, em 19-10-74.

Asp. Júlio Manuel Sajara Madeira com D. Eulália de Alegria Neves Lopes, em 27-9-74.

Asp. Luís Alberto Quartin Pereira da Costa com D. Maria Helena Torres de Carvalho, em 11-10-74.

Asp. AN Augusto José Pereira Leão com D. Elina Maria Pais Ferreira da Horta, em 28-9-74.

Asp. RN Armindo Herlander de Carvalho com D. Ana Maria da Silva Xavier Guerra, em 28-9-74.

Cad. esp. José da Cunha Nunes Pereira com D. Isabel Margarida Almeida Teixeira, em 21-9-74.

1.º-sarg. ARE Martinho Ramos Santana com D. Maria Cidália Lopes Ramalho, em 22-9-74.

2.º-sarg. AES Arménio Pedroso Gonçalves com D. Virgínia Pereira Galhardo, em 28-9-74.

1066/64/Cabo L Manuel Joaquim Pires Raposo com D. Maria Amélia Gonçalves, em 5-10-74.

1817/64/Mar. FZM José da Cruz Dias com D. Maria Gilda Mestre, em 19-10-74.

2249/70/Mar. C Filipe Pedro com D. Maria da Glória da Silva Rodrigues, em 12-10-74.

1161/71/Mar. CM José Carlos dos Santos com D. Maria da Conceição de Medeiros Vicente, em 5-10-74.

2453/71/1.º gr. S Fernando da Silva Dias com D. Maria Leonor da Conceição, em 29-10-74.

1674/73/1.º gr. A Rodrigo Henrique Caeiro Nogueira com D. Catalina Inês Saias Coelho, em 10-11-74.

2514/73/2.º gr. FZ José Vicente Dias Rosa com D. Maria dos Anjos de Carvalho Martins, em 1-11-74.

PASSAGENS À RESERVA

V.-alm. António Tierno Bagulho, em 21-11-74.

C.-alm. Francisco Ferrer Caeiro, em 21-11-74.

C.-alm. Fernando de Aguiar de Andrada dos Santos e Silva, em 21-11-74.

C.-alm. Fernando da Silva Soares Branco, em 21-11-74.

C.-alm. Pedro Fragoso de Matos, em 31-10-74.

C.-alm. Décio Braga da Silva, em 21-11-74.

Cap.-m.-g. José Emílio Santos Pinto Pereira, em 21-11-74.

Cap.-m.-g. João Alves Martins, em 21-11-74.

Cap.-m.-g. Amândio Pires Cabral, em 21-11-74.

Cap.-m.-g. João Baptista Coelho Parente, em 21-11-74.

Cap.-m.-g. José Justiniano do Nascimento, em 21-11-74.

Cap.-m.-g. Manuel Ventura da Cruz, em 21-11-74.

Cap.-ten. SG Apolinário de Matos Rolo, em 12-10-74.

1.º sarg. A Manuel Alves Araújo, em 5-11-74.

4652/C. M José Farinha, em 14-11-74.

262/70/1.º gr. FZ Carlos Alberto Santos da Silva, em 14-10-74 (RF)

APOSENTAÇÕES

Em 30-11-74:

António da Costa, faroleiro-chefe do Q. P. C. M. M.

Luís Joice Chalupa, segundo-faroleiro do Q. P. C. M. M.

Manuel Guilherme Lopes de Sousa, segundo-faroleiro do Q. P. C. M. M.

João Benevides, patrão da costa do Q. P. C. M. M.

José Araújo Sol, cabo-de-mar de 2.ª classe do Q. P. C. M. M.

Artur dos Santos, motorista de salva-vidas do I. S. N.

FALECIMENTOS

C.-alm. RF Laurindo Henrique dos Santos, em 19-11-74.

Cap.-ten. Luís Gonzaga de Oliveira Bacharel, em 6-11-74.

Cap.-ten. SG RF Isaac d'Araújo Juzarte, em 22-11-74.

1.º-ten. SG RF José Brás, em 2-11-74.

Asp. TE RN Manuel Pedro Bravo Pestana Gil, em 17-11-74.

1.º-sarg. A José Augusto Fernandes, em 14-11-74.

1.º-sarg. E RA Aníbal Pedro Cardoso, em 17-10-74.

1.º-sarg. T RA Eduardo da Conceição, em 18-11-74.

2.º-sarg. H RA Constantino dos Santos Beleza, em 22-10-74.

2.º-sarg. H RA José da Costa, em 12-11-74.

2.º-sarg. CM RA Francisco da Costa, em 3-11-74.

1216/Cabo M RA Manuel Evangelista, em 13-11-74.

2074/Cabo M RA Luís Maria Pinheiro, em 22-10-74.

1125/71/Mar. M Manuel Custódio, em 31-10-74.

Manuel Martins, operário especial do Q. P. C. M. M., em 19-11-74.

Casamento do cabo E n.º 1346/68 Francisco Correia Pereira com D. Ana Maria dos Santos Ribeiro, efectuado em 2-10-74. A «Revista da Armada» deseja ao simpático casal as maiores venturas

O CUBISMO

uma encruzilhada nos caminhos da arte

O cubismo, numa visão simplista da sua natureza, situa-se numa complexa ponte que liga a pintura de índole figurativa à pintura não figurativa. Pode dizer-se que com o cubismo se inicia uma nova era na arte, obrigando o espectador a uma iniciação e um estudo de exigências nem sempre compreendidas e aceites. A arte, a partir daqui, só conduzirá a uma fruição de natureza estética, se o espectador for simultaneamente um conhecedor.

Para aqueles que se acham no direito de criticar e apreciar a arte pelo simples facto de distinguirem um elefante de um sapato, a arte parou com o cubismo porque não terão de agora em diante o suporte da realidade para se identificarem com o objecto da expressão artística.

O cubismo, no entanto, não se divorcia da realidade; transforma-a, construindo e recriando, à sua maneira, os objectos. Esta nova corrente estética organizou-se ververdadeiramente no período compreendido entre 1907 e 1914. Foram seus construtores Picasso e Braque mas já Cézanne e Matisse lhe haviam lançado os alicerces. Juan Gris, por seu lado, foi o grande metodólogo e teorizador do cubismo.

Cézanne, na análise exaustiva que fazia dos objectos, chegara a dizer que a natureza se poderia, em boa verdade, reduzir a formas geométricas simples como o cilindro, o cone e a esfera.

O «fauvismo», de que Matisse foi um dos mais célebres cultores, forneceu também ao cubismo pontos de partida que ele não enjeitaria, nomeadamente no domínio da cor. De facto, com Matisse, a perspectiva clássica foi pura e simplesmente abandonada sucedendo-lhe a perspectiva da cor em que as variações do brilho e da intensidade são fundamentais para as noções de distância e volume. Outro ponto básico é que, antes do cubismo, os quadros se organizavam do plano da moldura para o fundo, sendo portanto vistos em profundidade. Com o cubismo o quadro desenvolve-se do plano

L'Estaque – 1908 – por Georges Braque.

Mulher sentada – 1909 – por Pablo Picasso.

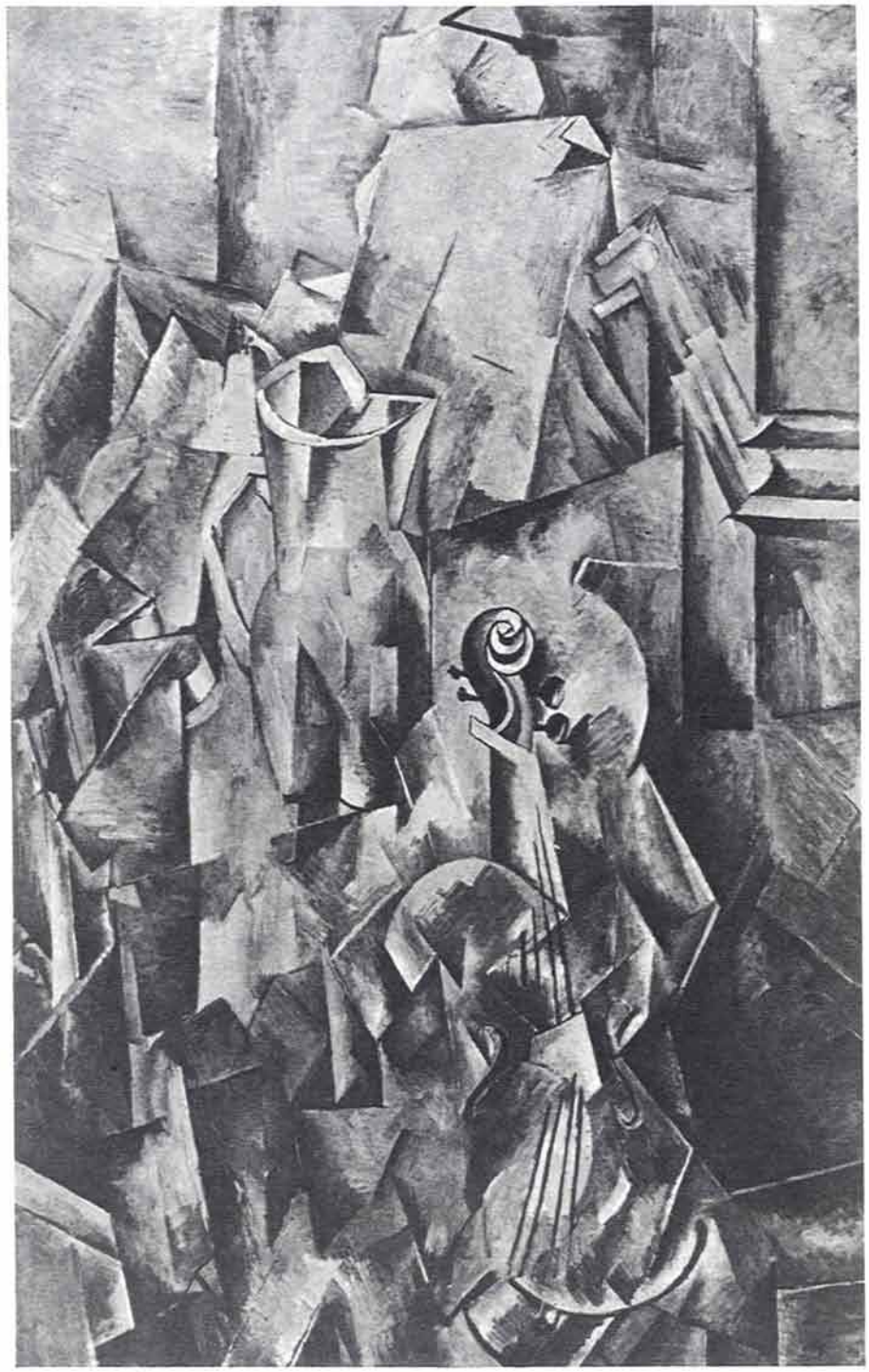
da moldura em direcção ao espectador como se nota em «Mulher sentada» de Picasso. Para realçar mais este particular, muitos quadros cubistas apresentavam as molduras recuadas em relação ao plano da tela.

Já não se trata agora de pintar isto ou aquilo mas simplesmente de pintar um quadro. O pintor procurará construí-lo e aquela exigência de atmosfera tão cara à pintura naturalista e impressionista é agora substituída pela de espaço. A cor é reduzida a simples gradações de uma mesma tonalidade Seguem neste particular a opinião de Rafael que dizia que um quadro, uma vez desenhado (para os cubistas, construído) está terminado.

O termo «cubismo» surgiu, tal como o «impressionismo», de uma designação pejorativa feita a um quadro apresentado por Braque no Salão de Outono de 1908 em Paris, intitulado L'Estaque e que tratava uma paisagem que fora já objecto e motivo para inúmeros pintores entre os quais Cézanne. O júri, nos seus comentários, chamou-lhe «os cubos» e daí nasceu a designação «cubismo».

A primeira fase do cubismo foi denominada analítica por fazer recurso à decomposição do motivo em elementos formais e coloridos com os quais se organizava a estrutura e a cor da tela. Outra característica visava apresentar os objectos com todas as suas faces por assim dizer planificadas, evidenciando-se numa única superfície na sua forma realista. As caras podem apresentar-se de frente e de perfil simultaneamente e num perfil humano poderão surgir os dois olhos em posição frontal. Por outro lado tornam-se transparentes objectos que na realidade são opacos para deixar ver configurações que sabemos existirem ocultas. Há ainda todo um jogo de figuras de rectórica como a metonímia, a metáfora e a antítese que o lirismo cubista fará reverter para o plano plástico. Neste particular, Juan Gris transforma-se no verdadeiro poeta do cubismo. As suas telas conservam

O CUBISMO



Violino e jarro – 1909/1910 – por Georges Braque.

sempre pontos de contacto com a realidade. A desincarnação do objecto metamorfoseando-o no correspondente sinal (que poderá ser uma sigla ou até uma inicial) ilustra a metonímia – tomada do sinal pelo objecto; por exemplo uma oval por um copo ou pela boca de uma garrafa.

A metáfora ou mudança de significado de um objecto noutro pode ser ilustrada por exemplo quando se aproveita a curva de uma jarra para fazer a de uma guitarra. A antítese, ou lei dos contrastes lança mão de cores opostas para se realçarem mutuamente. E essa figura que é a hipérbole vêmo-la empregar muitas vezes para obter certos efeitos plásticos como os de olhos grandes numa face pequena quando os olhos são a particularidade mais notável duma composição.

Na sua fase dita hermética o cubismo leva tão longe as expe-

Banjo e copos – 1912 – por Juan Gris.

A estudante – 1919 – por Pablo Picasso.

riências analíticas que os objectos perdem todo o seu significado local, volatilizados em microelementos. Perante este aniquilamento do objecto, uma outra caminhada se impõe – a da sua recomposição sintética, num ordenamento construtivo em que o método e o equilíbrio científicos são agora as linhas mestras da inspiração do artista. É a fase do cubismo sintético que viria a conseguir a tal ideia de um novo espaço que

Natureza morta com compoteira – 1918 – por Juan Gris.

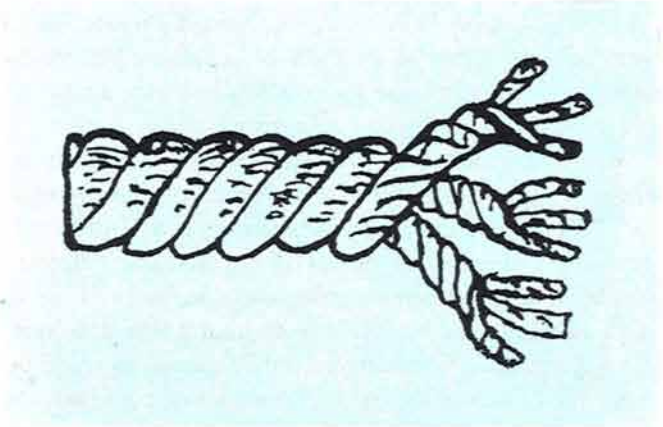
O CUBISMO

germinava na mente de Braque. Depois da guerra 1914-1918 o cubismo perdeu vigor. Os seus cultores dispersaram-se e novas formas mais revolucionárias de arte como o dadaísmo o expressionismo e o surrealismo vieram dar continuidade a esse anseio de exprimir outras realidades que não a da natureza objectiva.

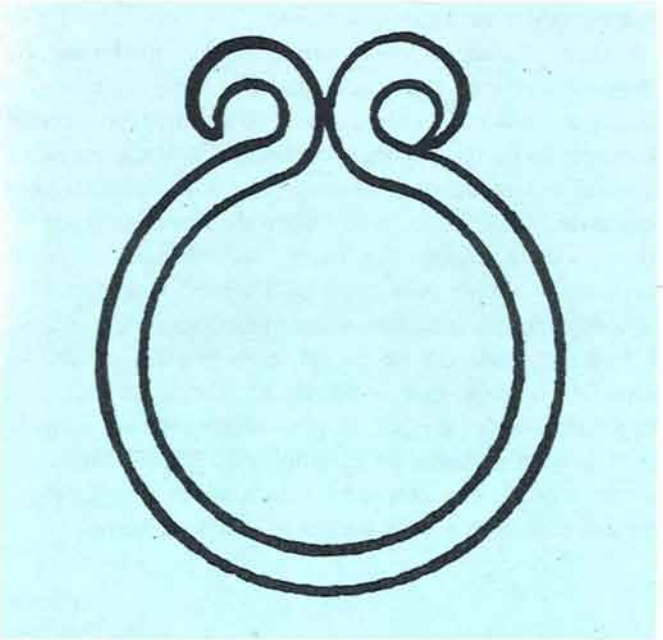
O. Lemos
Cap.-frag.

Terminologia Naval

COCHA – Torcedura sofrida pelos cordões dum cabo em volta do seu eixo. O termo cochar é usado a bordo em vários sentidos, todos eles embora com um significado comum que é o derivado da própria palavra: esconder-se, abrigar-se, coser-se; assim, diz-se que o navio está «cochado com a terra» quando segue muito junto com ela, cosido com a terra. Em calão naval, «estar na cocha», significa estar escondido, fugido ao serviço ou no desempenho de tarefa que não acarreta grande trabalho ou preocupação.



COLCHETE – Pequena argola de ferro colocada em cada punho da escota da vela de papafigos. Os extremos desta argola são recurvados a eles indo ligar as tralhas da testa e esteira daquela vela.



COLHER – Dispor, colocar, recolher. Enrolar um cabo de maneira a que fique claro e ocupe pouco espaço.

COMER O NAVIO – Ficar o navio encoberto por grandes vagas que ameaçam engoli-lo.

COMPASSAR O NAVIO – Estivar a carga e pesos a bordo de modo a que, com o navio direito se possa conseguir o maior rendimento das suas qualidades náuticas.

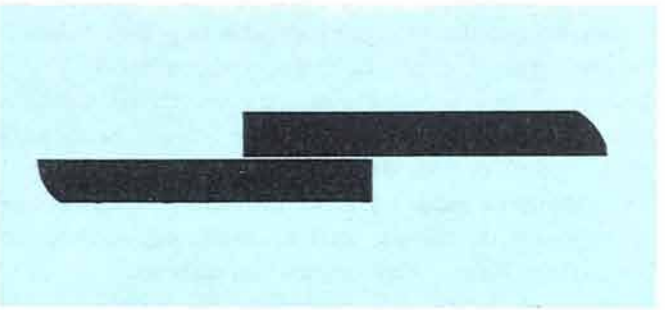
COMPRIMENTO DE FORA A FORA – Comprimento do navio tomado entre os pontos mais salientes da popa e da proa; esta dimensão é importante para efeitos de entrada em doca e para evoluções do navio.

CONDESTÁVEL – Entidade que a bordo dos antigos navios era o chefe da artilharia e a quem cabia dirigir o tiro e comandar os artilheiros. Tinha a categoria de oficial e dependia directamente do capitão.

CONHECENÇAS – Pontos notáveis que caracterizam e possibilitam a identificação do mar, de determinada zona da costa, porto ou baía.

CONSERVA – Companhia que fazem uns aos outros os navios que navegam em conjunto.

CONSTRUÇÃO TRINCADA – Tipo de construção de navios em que as chapas ou tábuas do casco se sobrepõem pelos topos como as telhas dum telhado.



S. Elpídio
Cap.-frag. AN

Os "QUARTOS" e a Tradição Naval

Vinda da Biblioteca Central da Marinha, recebeu-se na «Revista da Armada» uma pequena brochura, que o autor, ao tempo primeiro-tenente António Marques Esparteiro, ofereceu à biblioteca do contratorpedeiro «Lima» em 15-4-41.

O comandante António Marques Esparteiro sempre foi um propugnador da conservação da tradição marinheira que, como poucos, conhece a fundo e pela qual se tem batido em múltiplos escritos e publicações.

Ao ler este pequeno trabalho não pudemos deixar de lamentar que se venham perdendo, por desinteresse, tradições que nos vêm de longe e que com tanta facilidade substituimos por maneiras de dizer e fazer desenraizadas de um passado tão significativo.

Dá-se isso precisamente com a designação dos quartos. Pretendia o então primeiro-tenente Esparteiro que essa tradição se não perdesse e que no livro Diário Náutico fossem impressas essas designações tradicionais ao lado da indicação das horas correspondentes.

Antigamente as horas eram medidas por ampulhetas de meia hora. Cada quarto tinha portanto oito ampulhetas. Assim, quando se diziam 3 ampulhetas do quarto de alva significava que eram cinco horas e meia. Os quartos rendiam às oito ampulhetas. Ao fim das ampulhetas correspondia o toque do sino com pancadas singelas ou dobradas consoante se tratava de meias horas ou horas.

Hoje, só se vê a ampulheta se por acaso da instrução ou da lembrança do oficial de quarto se lança a barca para saber «quanto o navio deita», como vi fazer na «Sagres». E vi-a deitar (a antiga) seus 12 nós bem puxados! o que valeu honras de flâmula azul ao então segundo-tenente Tengarrinha Pires... Mas, vamos aos quartos.

O quarto do crepúsculo matutino, das quatro ás oito – toda a gente o sabe – chama-se «quarto de alva», por ser nesse quarto que surgem, em latitudes normais, os primeiros alvores.

O quarto das oito às doze – e isto pouca gente o saberá – chama-se «quarto das emendas» e o respectivo oficial de quarto é designado por oficial das emendas. Esta designação vem do tempo da vela em que competia a este oficial «inspeccionar, emendar e alindar o aparelho e velame do navio que durante a noite foi manobrado e que, devido ao escuro, não foi convenientemente arranjado».

O quarto das doze às dezasseis, chama-se «quarto da tarde». O quarto das dezasseis às vinte, em que normalmente tem lugar o crepúsculo vespertino, chama-se «quartinho». Crê-se que tal designação tenha sido sugerida pela brevidade com que o dia acaba ao surgir a noite. Entre nós costuma dividir-se este quarto em dois (primeiro quartinho e segundo quartinho) quando se tenha de evitar que os mesmos quartos caibam sempre aos mesmos oficiais. É o caso de haver seis oficiais, por exemplo. O quarto das vinte às vinte e quatro, por ser o primeiro quarto da noite, chama-se «quarto da prima».

Por fim, o segundo quarto da noite – o das zero às quatro horas – chama-se «quarto da modorra». Terá sido a sonolência ou modorra que se apodera de quem tem de fazer esse quarto, a razão do seu nome.

Em escritos antigos vê-se muitas vezes «madorna» ou «madorra» como corruptela daquela designação.

Já que o saber não ocupa lugar aqui deixamos a sugestão do emprego da terminologia tradicional pois dá um sabor especial à linguagem do marujo. E, para terminar, um pouco de prosa antiga, com cheiro de maresia, tirada da Relação do naufrágio das naus «Sacramento» e «N. S. da Atalaia», citada pelo primeiro-tenente Esparteiro:

«e indo o traquete na sua volta muito perto dela, dia de S. Pedro à tarde, 29 de Junho, com grandes mares, foi advertido o piloto-mor se fizesse ao mar, o que fez uma ampulheta, antes do sol se pôr, marchando-se naquela volta seis ampulhetas do quartinho e oito do quarto da prima: rendido ele, entrando o da madorna, se tornou a marear com o mesmo traquete na volta da terra».

O. Lemos
Cap.-frag.

Saibam Todos

Que nas nações norte-americanas vive cerca de 6,2 por cento da população mundial que dispõe de 34,49 por cento dos bens produzidos sobre a terra.

Que na Ásia, se excluirmos o Japão e as regiões da União Soviética, a situação inverte-se: uma população correspondente a 53,89 por cento da mundial dispõe apenas de 9,35 por cento das riquezas que existem no mundo.

Que para ilustrar esta realidade com um exemplo concreto, imaginemos duas mesas, lado a lado: a uma, preparada com 34 pratos sentam-se 6 pessoas, ao passo que na outra se vêem 34 pessoas disponde apenas de 9 pratos.

Que estas cifras deveriam causar a vergonha do Ocidente, sobretudo se se tiver em conta que parte das suas riquezas foram tiradas (por vezes saqueadas mesmo) aos países do chamado Terceiro Mundo.

Que durante a recente conferência sobre a alimentação, realizada na capital romena sob o patrocínio da FAO, o conhecido secretário de Estado norte-americano, dr. Kissinger, afirmou que há no mundo 200 milhões de crianças doentes em consequência da subalimentação.

(In «Além-Mar», Dez. 74)

*

Que deverão começar a funcionar no corrente mês, nas antigas instalações da Escola Náutica, no Ministério da Marinha, aulas dos Ciclo Preparatório e Curso Geral dos Liceus, para os militares da Armada que não frequentam os que se leccionam na Base Naval e no Hospital da Marinha.

Que a frequência destes cursos é orientada pelo Comando de Segurança e Defesa do Ministério da Marinha.

*

Que o pessoal militar que for passando à disponibilidade poderá ser admitido na Direcção-Geral da Fiscalização Económica, nas seguintes condições:

a) Com curso superior (preferência Direito): vencimento de 8 a 12 contos, com direito a viatura e gasolina;

b) Com habilitações mínimas do 5.º ano dos liceus ou equivalente: vencimento mensal de 5 a 8 contos.

O pessoal interessado deve dirigir-se à Av. Duque de Ávila, 139 (telef. 56 01 01).

EPISÓDIOS...

Quando entrámos para a Armada, em 1930, o efectivo dos navios de guerra não era famoso.

Assim o ouvíamos dizer, nanja que de tal percebessemos, muito embora acabássemos de concretizar um sonho que acalentávamos desde menino e tudo fizéssemos para andar a par com as novidades relativas ao movimento da Marinha de Guerra.

Lembra-nos existirem o «Vasco da Gama» – ao qual a maruja chamava «Pé de chumbo» pela dificuldade que tinha em emergir sempre que afocinhava na vaga –; o «Adamastor», em serviço há longo tempo na colónia de Macau; o «República» e o «Carvalho Araújo», chamados pomposamente de cruzadores; a «Sagres», onde funcionavam os cursos de marinharia; quatro ou cinco contratorpedeiros e uns outros que, confessamos, nunca chegámos a saber a categoria, aos quais chamávamos *austríacos* por, salvo erro, serem mesmo austríacos e terem sido cedidos ao nosso país como prestação da dívida de guerra de 1914/18.

Havia ainda uma série de canhoneiras, tipo «Diu» e outras, que eram empregues na fiscalização da pesca ao longo da costa de Portugal ou em missões de soberania na Madeira, Açores e Colónias, onde, apesar do seu poder militar restrito, se impunha pelo valor daqueles que albergavam. Embora a Armada não fosse Corporação muito grata aos governantes de então, eram tantos os protestos vindos de todos os sectores que se fizeram encomendas de navios. Estes começaram a chegar a Portugal por volta de 1932, com o título de «Esquadra Nova».

O primeiro a chegar foi o aviso de 2.ª classe «Gonçalo Velho». Estávamos embarcados no navio-escola «Sagres» e nomeados para destacar para aquele navio logo que chegasse.

O dia previsto para a chegada foi de alvoroço a bordo de todos os navios amarrados nas respectivas bóias do quadro dos navios de guerra, numa área do rio Tejo, frente a Lisboa, sensivelmente entre o Largo de Santos e o Campo das Cebolas.

Todos perscrutavam a entrada da barra. Os oficiais, nas pontes, de binóculos assestados; os sargentos e as praças no convés, nas enxárcias ou em sítios donde se pudesse lobrigar o movimento na barra, gastavam horas de impaciência por não verem entrar o «Gonçalo Velho» pois este trazia largas horas de atrazo.

A determinada altura alguém lançou o grito de alarme: Lá vem ele!

Via-se ao longe a silhueta dum navio que, ao aproximar-se, lançou o desalento em todos os que aguardavam a sua entrada.

Estavam-nos, todavia, reservados uns momentos de franca gargalhada quando este se cruzou com a «Sagres»:

Era mesmo o «Gonçalo Velho», mas... o «Gonçalo Velho», cargueiro da Companhia dos Carregadores Açoreanos!

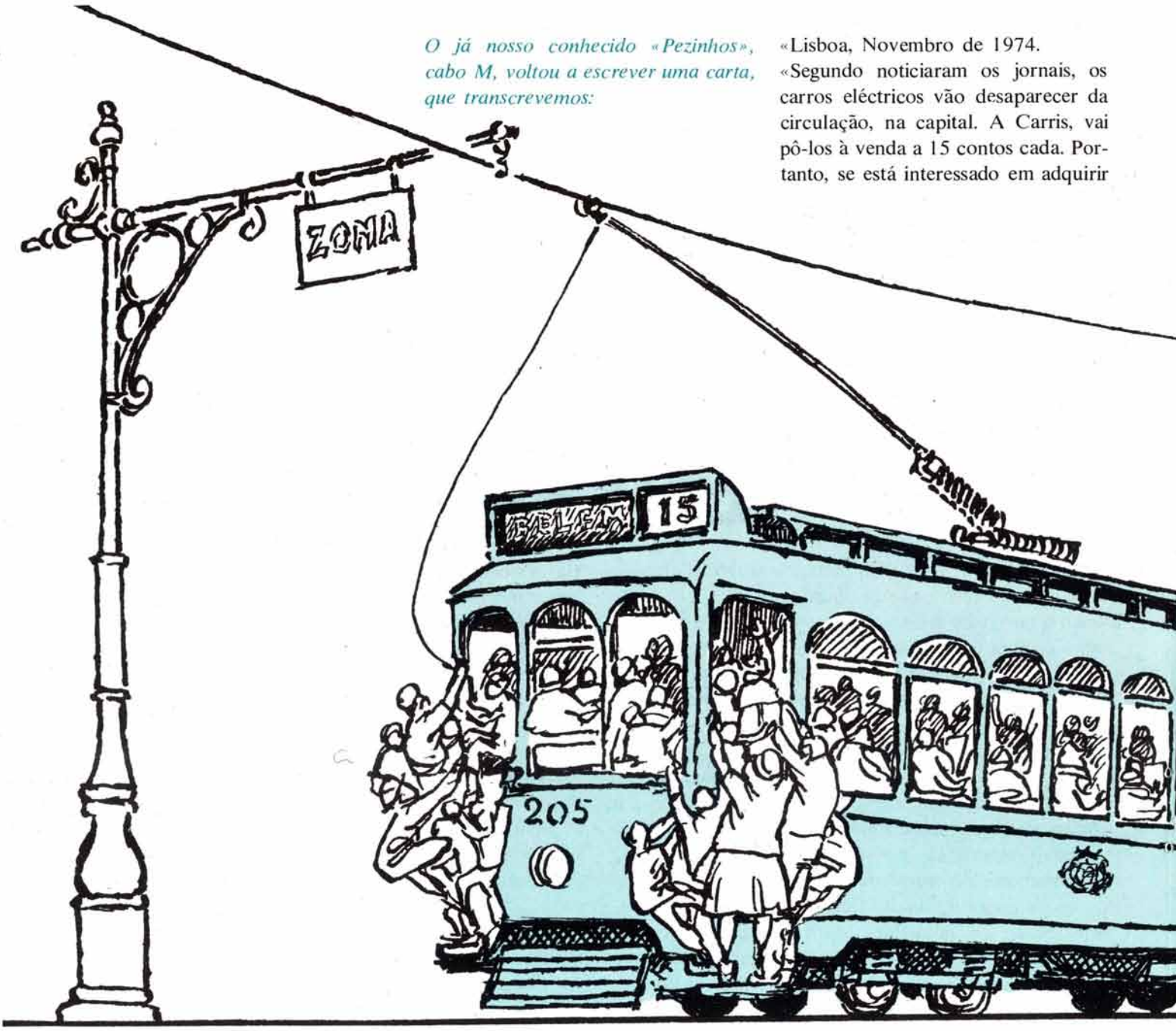
SEASA
Cabo aux. RAa

Voz da Abita

O já nosso conhecido «Pezinhos», cabo M, voltou a escrever uma carta, que transcrevemos:

«Lisboa, Novembro de 1974.

«Segundo noticiaram os jornais, os carros eléctricos vão desaparecer da circulação, na capital. A Carris, vai pô-los à venda a 15 contos cada. Portanto, se está interessado em adquirir



um, para recordação ou para adaptar a casa de campo ou praia, já sabe que é fácil e barato...

«Qualquer alfacinha da velha guarda, como eu, ao ler esta notícia não pode deixar de sentir certa emoção. Até que enfim, dirá, já não era sem tempo... Mas, vem depois a parte sentimental, o eléctrico como rei do trânsito que foi nesta nobre e antiga cidade de Lisboa, não pode acabar assim sem mais nem menos. Merece um necrológio especial, um necrológio digno do seu passado glorioso.

«E, por mais estranho que pareça, julgo que para o fazer ninguém mais indicado que um marinheiro. Sim, porque, com todos os seus defeitos, o elétrico é um veículo de que todos os marinheiros se lembram com saudade quando navegam em mar tempestuoso... Que maravilha deslizar sobre carris, sem balanço nem enjoo, sem receio de tufões e nevoeiros, com a paisagem em constante mutação... Nem sequer há que temer abalroamentos, pois o eléctrico é tão sólido que fica sempre a ganhar. Só um tanque de guerra ou outro eléctrico são capazes de lhe causar mossa...

«O que vai ficar na minha memória a respeito do eléctrico é um conjunto de coisas que me parecem tão intimamente ligadas que é impossível considerá-las isoladamente. São elas: o carro propriamente dito, os seus dois tripulantes e os «senhores passageiros». Sobre o carro em si, pouco há a dizer. É um monstro amarelo, forte como um rochedo, barulhento, que se desloca sobre carris, completamente alheio aos outros veículos e aos peões, que têm de fugir dele para não serem esmagados... Tanto pode andar num sentido como no outro e como não pode sair do seu caminho, é o verdadeiro empata do trânsito nas ruas em que ainda circula.

«Sobre os restantes componentes do conjunto – tripulação e público – é que há muito que falar... Existe entre ambos um ódio figadal, uma espécie de alergia, semelhante à que se verifica entre o cão e o gato, ou entre os «doentes» do Benfica e do Sporting! É um ódio cego, visceral e vesgo, sempre pronto a vir ao de cima. Por tudo e por nada se geram discussões violentas, que por vezes originam agressões, seguidas de luta. Quando as coisas chegam a este ponto, a «equipa dos dois» fica sempre a ganhar, mercê das armas que utiliza na refrega – o alicate fura-bilhetes do condutor e a alavanca de fazer as agulhas do guarda-freio – contra um adversário que apenas pode empregar os punhos. Além disso, «os dois», quando vêem o caso mal parado, chamam a polícia que manda apear o recalcitrante ou ferra com ele na esquadra...

«É tão curioso ver um eléctrico à cunha! Lá dentro não cabe mais um alfinete, nas plataformas, idem, e nos estribos cada pendura leva apenas um pé assente, o outro vai no ar. Chega a parecer impossível como aquilo aguenta! E sucedem coisas tão engraçadas nos eléctricos...

«Um dia, viajava num que descia a António Augusto de Aguiar, a abarrotar de gente. Ia mesmo como um ovo! De repente, atravessou-se um peão na sua frente e o guarda-freio teve que fazer uma travagem de emergência. Na confusão que se gerou, um soldado desiquilibrou-se e foi cair no regaço de uma senhora que ia sentada num dos bancos laterais da rectaguarda. A senhora ficou furiosa

e não houve nome que não chamasse ao rapaz, terminando assim a série de impropérios que lhe dirigiu: «era só o que me faltava... ainda por cima um magala»... O soldado não se desmanchou. Deixou que a senhora desabafasse à vontade e quando ela se calou, julgando que já o tinha amachucado suficientemente, saíu-se com esta: «se calhar a senhora, com um bilhete de cinco tostões, queria algum general...»

«Além das equipas mencionadas – «os dois» e o público – aparece de vez em quando um terceiro homem que concentra os ódios gerais (a única vez que estão de acordo passageiros e tripulação). É o revisor, uma figura sinistra, que entra subrepticiamente para verificar se todos têm bilhete, ou se escapou algum pelas malhas... Munido também de um alicate, vai pedindo os bilhetes a toda a gente fazendo-lhes um segundo furo. Todos lho dão de má vontade, olhando-o com rancor. Depois preenche um papel do condutor, que também lho dá de má vontade, lançando-lhe olhares furibundos, e sai muito digno e senhor do seu papel, deixando toda a gente a protestar...

«Creio que a não ser os árbitros de futebol, não há em Lisboa quem seja mais odiado!

E pronto, esta carta já vai longa, e por isso termino havendo ainda tanto por dizer... Apesar de tudo vou ter saudades dos eléctricos. Eram tão castiços!»

UM APELO DOS CAMARADAS DO **RÁDIO OCEANO**

Da Direcção do «Rádio Oceano» – posto emissor do pessoal da Armada internado no sanatório militar, no Caramulo – recebemos uma carta com um apelo a todo o pessoal da Marinha de Guerra, que transcrevemos:

«Caramulo, 30 de Novembro de 1974.

«Senhor Director:

«Permita-nos que o saudemos a si e a quantos trabalham na «nossa» Revista, são os votos do pessoal que em Rádio Oceano procura prestigiar a nossa Marinha, trabalhando voluntariamente neste Posto Emissor.

«Já em números anteriores da «Revista da Armada» se tem escrito de como começou e o que é o Rádio Oceano, Posto Emissor dos Marinheiros, no Caramulo.

«Assim, a nós os que trabalhamos no referido Rádio, pareceu-nos oportuno esclarecer os leitores da «nossa» Revista, sobre o modo como funciona e que meios utiliza para sobreviver o nosso Posto Emissor.

«A equipa de trabalho incumbida de apresentar, coordenar e seleccionar os programas é formada por pessoal da Marinha internado na Estância Sanatorial, em número de seis indivíduos, que garantem dia a dia o funcionamento regular do Emissor, procurando o melhor possível dar continuidade a uma obra iniciada já há alguns anos por um grupo de rapazes, que por aqui passaram, e que merecem que lhe sucedamos com dignidade.

«Mercê de campanhas levadas a cabo junto de algumas unidades da Armada, que nos têm remetido valores em dinheiro e de um número de sócios, conseguido entre os internados e particulares, que oscila entre 100 e 150, cuja quotização mensal é de 5$00, tem-se conseguido reunir algum dinheiro que se procura utilizar na melhoria do Posto Emissor e sua manutenção, e a título de informação, não existe qualquer verba destinada ao mesmo Emissor.

«Contamos também com a gentileza de algumas casas editoras, que nos enviam de vez em quando alguns discos e ainda a benemerência de particulares que oferecem gravações em disco ao Rádio Oceano.

«A assistência técnica tem sido garantida pela Direcção do Serviço de Electricidade e Comunicações, que nos tem fornecido não só o material mas ainda o pessoal necessário para colocar ou reparar o referido material, a quem agradecemos desde já.

«Apelamos, pois, para todos quantos quiserem ajudar a manter Rádio Oceano, tanto particulares como unidades ou estabelecimentos da Armada, que nos enviem a sua ajuda, porque nós, os que desinteressadamente trabalhamos em Rádio Oceano, tudo faremos para que este Emissor continue a merecer a admiração dos que nos ouvem; mas esse mesmo trabalho não é suficiente, pois outros valores são necessários para que o bom nível exista sempre no Posto Emissor dos Marinheiros, no Caramulo.

«Aguardamos, pois, a contribuição de todos os que quiserem ver em Rádio Oceano mais um motivo de orgulho da nossa Marinha.»

Voltámos a ter notícias do nosso assinante e ex-mar. monitor n.º 6490 José da Costa Florim, cuja carta transcrevemos:

«Matosinhos, 22 de Outubro de 1974.

«(...) Saí da Marinha de Guerra ao fim de quatro anos, com a graduação de primeiro-marinheiro monitor. Fui do primeiro curso, a sério, de monitores. Antes tinha sido artilheiro. Não calculam quanto lutei para ingressar na Armada, já que meu falecido pai não queria que eu fosse militar e tudo fez para o conseguir; mas eu tinha que seguir as pisadas dos meus antecedentes. Sei bem que o meu pai não queria que fosse para a Marinha para não sentir o desgosto de uma má notícia, uma vez que temos no fundo do mar, dentro de navios que serviram, torpedeados ou bombardeados durante a última guerra, nada menos de sete homens. Meu próprio tio morreu na foz do Douro e meu pai esteve prestes a desaparecer quando desembarcava de um navio para a lancha dos pilotos, já em alto mar.

«Não sei bem se era por o meu pai ter sido agente de navegação ou por pertencer a uma família de marinheiros (mercantes), eu sempre tive o gosto pelas coisas do mar que me levou a entrar para a Armada e ingressar depois na Marinha de Comércio, correndo o Mundo.

«Hoje, ainda com muita vida, sofro imenso e choro com saudades da «minha» Marinha de Guerra. Poderia hoje ser oficial; ainda sinto esperança de lá voltar um dia; mas... esse dia, sei bem, nunca voltará! Quem me dera ter novamente vinte anos para voltar àquela que tanto amei. Juro-vos do coração que quando chega a Revista as lágrimas correm-me pelo rosto, como me correm neste momento que vos escrevo. Não poderei nunca esquecer a «minha» querida Marinha de Guerra. Resta-me a consolação de ter um barco; de ter aqui no porto os patrulhas e os meus antigos camaradas, como o mestre do «Limpopo»; ou de ter como colegas de trabalho um ex-fogueiro e um ex-sinaleiro; ter como chefe dos serviços administrativos um ex-subtenente. Tudo uma família, mas... não como d'antes.

«Falta-me o aspecto da disciplina militar, o toque do clarim, as revistas, as continências, os marujos e os navios.

«Saí, como disse, em marinheiro monitor; hoje seria, talvez, tenente? Mas que fosse como o «Rouxinol» ou um qualquer, o que eu queria era andar fardado. Ainda depois de vinte anos conservo a minha farda e é com orgulho que o faço. Pena tenho de não ter um rapaz para o fazer seguir o caminho que para mim tracei – que foi o da Armada e que, contra minha vontade, fui obrigado a deixar para fazer a de meu pai.

«Apesar de me encontrar bem colocado na vida, trocaria de bom grado este lugar pelo que ocupava na «minha» querida Marinha de Guerra.

«Perdõem-me, mas já me sinto melhor!

«Um grande abraço para todos.»

VOZ DA ABITA

Do nosso assinante e ex-marinheiro FZ n.º 2748/69, Manuel Carneiro, de Valpaços, recebemos uma carta que transcrevemos:

«Os meus respeitosos cumprimentos para V. Ex.ª e para todos quantos trabalham na nossa Revista.

«Há já alguns meses que terminei o meu serviço na Armada mas continuo a interessar-me por tudo que lhe diz respeito. Como tal, interesso-me pela nossa Revista, da qual sou assinante e já por várias vezes vi algo meu nela publicado.

«Leio-a com toda a atenção mal a recebo e gosto dos vários artigos que nela se publicam, em especial dos instrutivos. Também me agradam os passatempos, pelo que junto envio dois, que se julgaram terem merecimento o seu conteúdo, gostaria de vê-los publicados.

«Desde já os meus melhores agradecimentos.»

QUE SIGNIFICA "SABER NADAR"?

A pergunta poderá parecer descabida para uma grande parte das pessoas que se habituaram a admitir que «saber nadar» era percorrer uma determinada distância (normalmente 25 metros) sem atender a quaisquer outros factores. Mas... será isto «saber nadar»? Será isto o que a Armada necessita?

Lembremo-nos que pela própria missão da Armada o militar-marinheiro tem de viver em contacto com o meio aquático e, nestas circunstâncias, *o não saber nadar pode levar à morte!*

Efectivamente numa corporação militar-naval a sobrevivência do pessoal depende, em inúmeras circuntâncias, da *sua adaptação à água:* queda no mar vestido, progressão aquática em mar em chamas, espera por auxílio durante tempo relativamente longo, queda ao mar ficando imerso debaixo de uma embarcação, nadar transportando uma arma (sem a molhar), etc.

Em face destes problemas e baseando-se nos estudos efectuados pelo prof. Vítor da Fonseca, a Direcção do Serviço de Educação Física (DSEF) estabeleceu, através da sua circular n.º 6/74, o conceito de saber nadar e as linhas metodológicas que devem presidir à aprendizagem da natação, de que passamos a focar alguns aspectos mais importantes.

Toda a aprendizagem tem por finalidade fornecer ao indivíduo possibilidades de responder a situações futuras, de vencer dificuldades. No caso específico da natação, vencer essas dificuldades terá de ser a finalidade principal sem o que a sobrevivência não será possível. Queremos com isto dizer que um indivíduo ao nadar não pode pensar na flutuação, na propulsão ou na respiração mas sim naquilo que pretende: atingir um local distanciado, nadar debaixo de água, despir-se dentro de água, etc.

Já se vê então a necessidade de aquisição de certos «automatismos aquáticos básicos» sem os quais toda a aprendizagem da natação estará pura e simplesmente condenada: *equilíbrio horizontal* (em terra o equilíbrio é vertical), *expiração activa* (em terra é a inspiração que é activa), *propulsão aquática.*

Ora estes «automatismos» são adquiridos «vivendo»

o indivíduo inúmeras situações «posicionais»: flutuação dorsal, flutuação ventral, expiração debaixo de água, inspiração fora de água, propulsão de pernas, propulsão de braços, etc.

Só posteriormente poderemos encarar o problema das técnicas que serão em última análise *a reunião coordenada dos gestos «posicionais», já anteriormente sentidos,* e que possibilitarão ao indivíduo fazer face às diferentes situações em relação com a água: saber nadar em mar calmo, em mar agitado, nadar para local seguro, saltar de pé e de cabeça, nadar debaixo de água, salvar um companheiro, etc.

A aprendizagem terá pois de proporcionar o maior número de situações e uma continuada experiência no meio. Aprender a nadar não é aprender o «bruços»!

Podemos pois concluir que «saber nadar» *é ter resolvido para cada situação inédita o problema da interrelação das três componentes fundamentais: flutuação, respiração e propulsão.*

Em consequência do exposto anteriormente, a DSEF estabelece os seguintes *níveis de adaptação ao meio aquático* caracterizado cada um deles pelo conjunto de provas que se indicam:

A – Nível 1

a) Nadar 25 metros em qualquer técnica de propulsão com controle respiratório;
b) saltar para a água de pé de uma prancha de 3 metros de altura;
c) mergulhar da borda da piscina e apanhar uma manilha de ferro a 2 metros de profundidade.

B – Nível 2

a) Nadar 50 metros em «bruços» com controle respiratório;
c) saltar para a água de cabeça de uma prancha de 3 metros de altura (vestido com «jersey»), permanecer no mesmo local cerca de 1 minuto e nadar seguidamente a distância de 25 metros;
d) mergulhar da borda da piscina, nadar 10 metros debaixo de água, apanhar 2 manilhas de ferro a 2 metros de profundidade e trazê-las à superfície.

C – Nível 3

a) Nadar 200 metros em «bruços» com controle de respiração;
b) nadar 100 metros em «livres» com controle de respiração;
c) nadar 25 metros vestido em qualquer técnica de propulsão, transportando em seguida, durante 25 metros, uma espingarda (sem a molhar);
d) saltar para a água de cabeça de uma prancha de 3 metros de altura e nadar debaixo de água 25 metros.

Cabe ainda salientar que, de acordo com a circular já referida, *todo o pessoal deverá ser submetido a estes testes, incluindo o de idade superior a 40 anos,* devendo os resultados (em percentagem) ser enviados à DSEF e sendo registados nas respectivas cadernetas militares o grau de adaptação a cada um dos níveis, de acordo com a classificação seguinte:

A – ADAPTADO – quando o conjunto das provas for efectuado com nítida facilidade.
B – ADAPTAÇÃO INSUFICIENTE – quando as provas de distância forem efectuadas com dificuldades de flutuação e/ou respiração, verificando-se uma falta de disponibilidade nas provas de natação utilitária.
C – INADAPTADO – quando o indivíduo não for capaz de efectuar nenhuma das provas.

Estamos pois perante uma óptima contribuição para a resolução do problema tão urgente como é o da natação na Armada. Pena é que a piscina coberta da Base Naval de Lisboa demore tanto tempo a ser activada o que torna extraordinariamente difícil a simples efectivação dos testes. Mais: qualquer tentativa de fomento da aprendizagem da natação resultará infrutífera pois sem piscina de Inverno não há hipóteses de continuidade na aprendizagem!

Actividades do C. N. O. C. A.

VOLEIBOL

Dados os resultados alcançados na época anterior foi decidido que, em princípio, o voleibol seria a única modalidade «terrestre» a continuar em competição.

E já começou!

Para o Campeonato Regional de Lisboa a equipa obteve os seguintes resultados:

C. N. O. C. A. 3 – Moscavide 1
C. N. O. C. A. 2 – Técnico 3
C. N. O. C. A. 2 – Nac. Ginástica 3.

Num torneio relâmpago realizado no mês de Novembro no Estádio Universitário, sob o patrocínio da firma «Baptista Russo & Irmão», e em que tomaram parte oito equipas entre as quais se contavam o Benfica, o Técnico e o Moscavide, o C. N. O. C. A. obteve um excelente 3.º lugar, logo a seguir ao Benfica A e ao Benfica B.

Neste momento o C. N. O. C. A. está a disputar o Campeonato Nacional da I Divisão. Vejamos o que a equipa conseguirá fazer nesta época e... nesta Divisão!

REFLEXÕES SOBRE DESPORTO

«Um certo intelectualismo contribui para lançar uma espécie de descrédito na vida física (como no trabalho manual) e as actividades desportivas surgem-nos deste modo como tempos perdidos em relação com os estudos.»
René Maheu (Director-geral da UNESCO).

Sanches Oliveira
1.º-ten.

Filatelia

SELOS (?) CURIOSOS

De entre os selos que nos últimos tempos chegaram às nossas mãos, mereceram uma especial atenção os dois que reproduzimos. Atraentes em todos os aspectos, pertencem a um conjunto de 8 valores que mostram outros tantos homens ilustres que o mar imortalizou, entre os quais duas das maiores figuras da nossa epopeia marítima. A nossa curiosidade fundamentou-se não apenas neste facto, mas ainda por não nos ter sido possível identificar o país de onde são oriundos. Por essa e outras razões, que não nos parecem carecer de justificação, concluímos terem sido feitos por entidade sem autoridade para os emitir, logo não poderem ser aceites como selos postais. O facto de estarem obliterados nada nos diz e no caso presente mais reforça a nossa convicção de estarmos em presença de selos condenados pela Federação Internacional de Filatelia, o que se lamenta dada a interessante e magnífica apresentação que patenteiam.

NOVOS SELOS PORTUGUESES

A comemoração de centenários ou milenários de terras são de tempos a tempos referenciadas nos selos, havendo mesmo coleccionadores especializados no tema. Mais uma vez os nossos CTT se ocuparam dele pondo em circulação no dia 13 de Novembro uma série dedicada aos 2000 anos de existência da velhinha «Pax Julia», hoje Beja. Nela se apresentam além do brasão da cidade, um conjunto de trajos usados ao longo dos séculos e uma paisagem da planície alentejana vista do castelo da cidade, trabalho interessante do artista José de Moura.

Apareceu, finalmente, a série há tantos anos ansiosamente esperada pelos filatelistas, focando um tema muito querido da tradição portuguesa e que nesta época é já habitual na maioria dos países do mundo. Referimo-nos, naturalmente, à série comemorativa do Natal que reproduzimos, com que os nossos Correios nos brindaram, pondo-a em circulação no dia 4 de Dezembro. Com desenhos muito felizes e repletos de simbolismo, o artista (Abílio de Mattos e Silva) que os concebeu, vestiu as figuras que ornamentam os selos com trajos tipicamente portugueses, o que desde logo dá a um tema internacional um carácter muito digno e muito nosso, que inegavelmente valoriza imenso este conjunto a todos os títulos notável.

G. Brandão
2.º-ten. SG

Curiosidades

CURIOSIDADES NAVAIS

O parlamento italiano aprovou definitivamente o projecto de lei que estende, de 6 para 12 milhas, o limite das suas águas territoriais, a fim de afirmar os direitos do país sobre a plataforma continental e para poder lutar contra a poluição provocada pelos navios.

Trabalhadores de todo o Mundo, representados pela International Workers Federation acordaram por unanimidade num congresso em Estocolmo em estabelecer uma posição rígida para com os países de bandeira de conveniência, com a finalidade de fazer regressar os navios à bandeira de origem.

Diversas companhias petrolíferas decidiram reduzir a velocidade dos seus navios, tanto das suas próprias unidades como afretadas, para o efeito de economia de combustíveis das bancas. A Shell, por exemplo, reduziu de 3 nós a velocidade de conjunto da sua frota.

Durante o primeiro semestre do ano findo Hamburgo movimentou cerca de 152 158 contentores de 20 pés com uma carga total de 1,4 milhões de toneladas. Este número, considerado recorde, representou um aumento de 22 por cento em relação ao período correspondente do ano transacto.

Segundo observadores de Washington, tudo leva a crer que os EUA poderão enveredar pela propulsão nuclear nos navios mercantes.
O Secretário do Comércio afirmou que tal resolução poderá ser tomada em Março de 1975.

(In «Boletim Analítico» da J. N. M. M., Set. 74)

RELAÇÕES HUMANAS NO TRABALHO

1 – As seis palavras mais importantes	Admito que o erro foi meu
2 – As cinco palavras mais importantes	Você fez um bom trabalho
3 – As quatro palavras mais importantes	Qual a sua opinião?
4 – As três palavras mais importantes	Faça o favor
5 – As duas palavras mais importantes	Muito obrigado
6 – A palavra mais importante	Nós
7 – A palavra menos importante	Eu

Apresentado por M. Horta
Sarg.-aj.L

CURIOSIDADES NUMÉRICAS

$$9 \times 9 + 7 = 88$$
$$9 \times 98 + 6 = 888$$
$$9 \times 987 + 5 = 8888$$
$$9 \times 9876 + 4 = 88888$$
$$9 \times 98765 + 3 = 888888$$
$$9 \times 987654 + 2 = 8888888$$
$$9 \times 9876543 + 1 = 88888888$$
$$9 \times 98765432 + 0 = 888888888$$
$$9 \times 987654321 - 1 = 8888888888$$

Com seis paus de fósforos, representar uma espressão numérica igual à unidade (não se devem partir os paus).

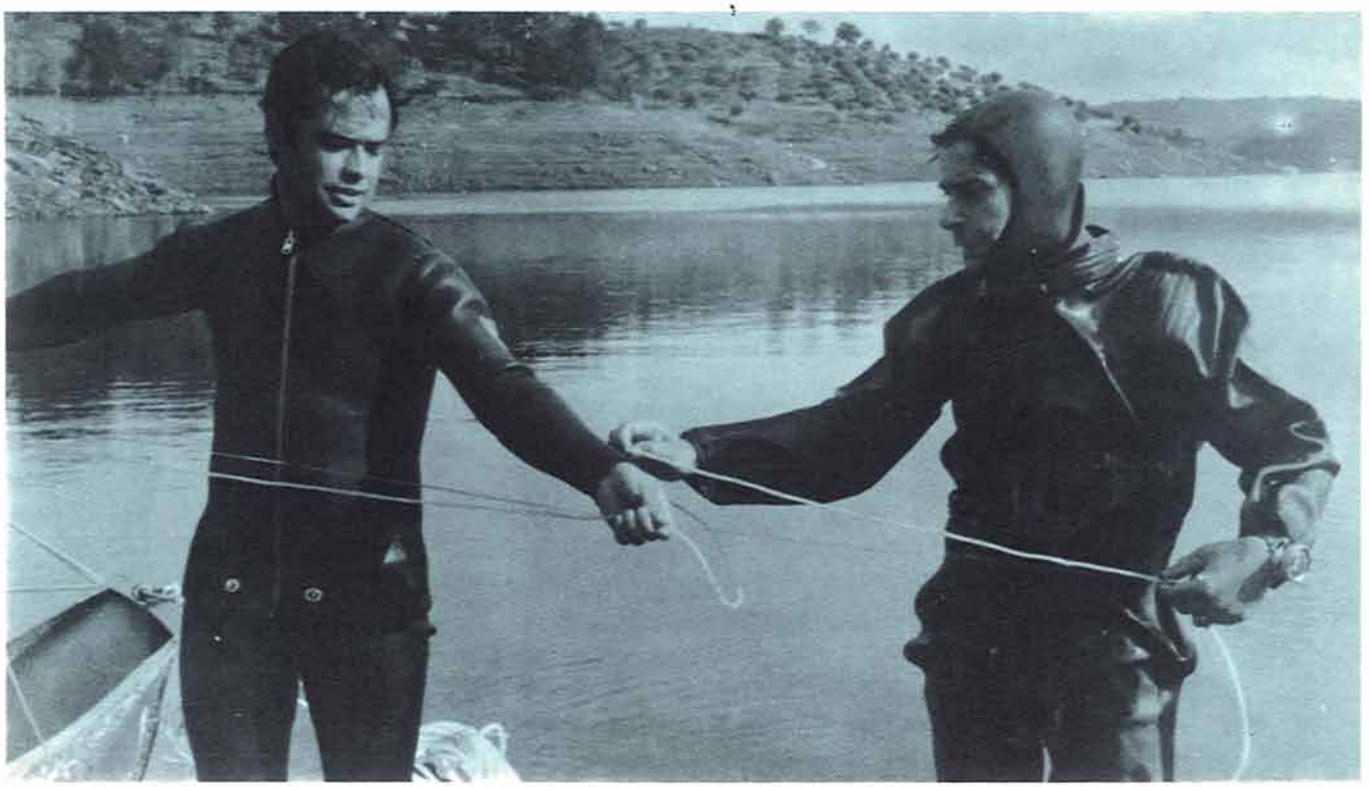
Basto Carreira
Cap.-m.-g.

(Solução na pág. 34)

Reportagem

MERGULHADORES DA ARMADA E O INSTITUTO HIDROGRÁFICO COLABORAM NAS PROPECÇÕES PARA A CAPTAÇÃO DE ÁGUAS PARA LISBOA

No mês de Novembro, uma equipa de seis mergulhadores da Escola de Mergulhadores da Armada, dirigida pelo 1.º-tenente SG (merg.) Ferdinando Oliveira Simões, e o departamento de televisão do Instituto Hidrográfico, actuaram na albufeira do Castelo de Bode, a pedido da Comissão Coordenadora de Trabalhos da E. P. A. L., no sentido de dar continuidade a trabalhos, que foram abandonados há anos pela então Companhia de Águas de Lisboa, de prospecções para a captação de água para o abastecimento da cidade de Lisboa e zonas limítrofes.



VISITA A LISBOA DO «GROUPE NAVAL D'ESSAIS ET DE MESURES» DA ARMADA DE FRANÇA

Esteve entre nós, de 6 a 10 de Novembro, o «Groupe Naval d'Essais et de Mesures» da Armada de França, composto pelos navios «Henri Poincaré» e «Le Breton».

Este grupo naval era comandado pelo contra-almirante De Gaulle que, no dia da sua chegada apresentou cumprimentos ao chefe do Estado-Maior da Armada, vice-almirante Pinheiro Azevedo.

COMEMORAÇÕES DO 56.º ANIVERSÁRIO DO ARMISTÍCIO

No dia 11 de Novembro tiveram lugar em várias cidades do país as cerimónias evocativas da passagem do 56.º

aniversário da assinatura do armistício que pôs fim à I Grande Guerra. Em Lisboa as cerimónias decorreram junto do Monumento dos Combatentes onde o Primeiro-Ministro acompanhado pelo vice-almirante Pinheiro Azevedo; generais Mendes Dias e Carlos Fabião; presidentes da Comissão Administrativa do Município de Lisboa, engenheiro Caldeira Rodrigues e da Liga dos Combatentes, general Almeida Viana e outras individualidades, depôs na base do monumento uma palma de cravos vermelhos e brancos, após o que desfilou perante as entidades presentes a força em parada.

ABERTURA DO ANO LECTIVO NA ESCOLA NAVAL

Em representação do Presidente da República, o chefe do Estado-Maior da Armada, vice-almirante Pinheiro Azevedo, presidiu no dia 12 de Novembro às cerimónias de abertura do ano lectivo naquele estabelecimento de ensino da Armada.

Das cerimónias constou o juramento de bandeira de 40 aspirantes do curso «Gago Coutinho», integrados numa força de 202 alunos a que o chefe do Estado-Maior da Armada passou revista, tendo sido depois proferida uma alocução pelo capitão-tenente Medeiros Ferreira.

No decurso da sessão solene que se seguiu foram entregues as espadas aos aspirantes do curso «Almirante Cam-

pois Rodrigues» e os vários prémios escolares, tendo o comandante da unidade, comodoro Silva Gameiro, proferido uma palestra em que se referiu à vida interna da Escola Naval e ao espírito de renovação que se pretende imprimir nas tarefas e objectivos finais de preparação dos futuros oficiais da Armada.

HOMENAGEM AOS MORTOS DA AVIAÇÃO NAVAL

Era tradição na extinta Aviação Naval homenagear todos os anos os seus mortos em serviço de voo. O dia escolhido para essa homenagem era 15 de Novembro por ser o dia em que desapareceu para sempre, nas águas cinzentas do Mar do Norte, o maior aviador português de todos os tempos, o comandante Sacadura Cabral (15 de Novembro de 1924).

Desde que a Aviação Naval foi integrada na Força Aérea Portuguesa – 9 de Setembro de 1952 – não voltou a fazer-se essa homenagem. Este ano, porém, ano do cinquentenário da morte de Sacadura Cabral, os oficiais do Grupo de Trabalho da Aviação Naval, encarregados da organização da Secção de Aeronáutica do Museu de Marinha tomaram a iniciativa de reatar a tradição, promovendo a realização de duas cerimónias: uma missa no Mosteiro dos Jerónimos e a inauguração de uma placa com os nomes de todos os militares mortos ao serviço da Aeronáutica Naval, na secção de aviação, instalada no pavilhão das galeotas do Museu de Marinha.

Sobre estas cerimónias achamos oportuno fazer algumas considerações. Quando no primeiro número da nossa Revista se definiram os seus objectivos, dizíamos a certa altura: «...pretendemos incentivar o amor pela profissão, glorificando os nossos heróis e feitos passados e presentes; pretendemos que os que actualmente servem a Armada se orgulhem do seu passado...».

Estive presente nas cerimónias, apenas na minha qualidade de antigo piloto da Aviação Naval. Mas, não posso abstrair que sou o director desta Revista e o autor das palavras referidas no seu número um. Falo pois com toda a propriedade, nessa dupla qualidade. Ambas as cerimónias estavam muito bem planeadas. A missa dos Jerónimos foi impecável e valeu a pena ouvir as inspiradas palavras do capelão Cabeçadas sobre o seu alto sentido. A fanfarra da Armada, muito bem ensaiada e com óptima apresentação, encheu aquele sagrado templo com o som grave dos seus clarins e tambores, executando o toque de continência na altura da elevação.

Seguiu-se a cerimónia no Museu. Tendo por fundo, dum lado o hidroavião «Santa Cruz», uma das mais preciosas relíquias ali guardadas, e do outro, o padrão comemorativo da 1.ª viagem aérea à ilha da Madeira, trasladado do antigo Centro de Aviação Naval do Bom Sucesso, o comandante Gomes Namorado explicou o significado da cerimónia. Seguidamente, o vice-almirante Roboredo e Silva inaugurou a placa, na base da qual foi deposta uma coroa de louros pelo primeiro-tenente Azevedo e Silva, piloto contemporâneo de Sacadura Cabral. A fanfarra executou o toque dos mortos, seguido do de alvorada.

Por me parecer de toda a justiça transcrevem-se os nomes gravados para sempre na placa inaugurada:

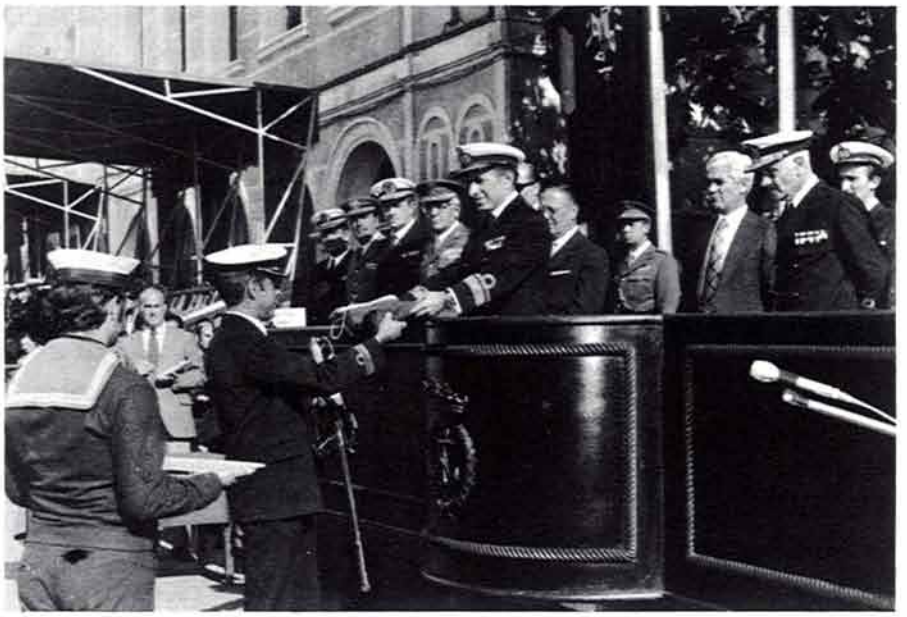
23-8-1918 – 1.º-ten. Av. E. Azeredo de Vasconcelos
23-8-1918 – 1.º-gr. mec. 6080 António P. Ferreira
23-10-1919 – 1.ºgr. mec. 3966 Manuel M. Folque
11-3-1920 – 2.ºten. Av. Alberto A. Xavier
11-3-1920 – 1.º-fog. mec. 3248 Manuel S. Dias
11-3-1920 – 1.º-art. mec. 3394 G. Laranginha
28-4-1920 – G. m. al. Av. Guilherme A. Fonseca
15-11-1924 – Cap.-frag. Artur Sacadura F. Cabral
15-11-1924 – 1.º-art. mec 3828 José Pinto Correia
6-6-1927 – 1.º-ten. al. Av. Apeles R. Espanca
20-11-1935 – 2.º-ten. Av. Alberto Ferreira Bastos
18-6-1937 – 2.º-ten. Av. Isidoro Palma Faria
24-3-1938 – 2.º-ten. Av. António Gonçalves
21-11-1941 – 2.º – ten. Av. Henrique Jorge C. Correia

26-1-1942 – 1.º-ten. Av. Rodrigo H. Silveirinha
26-1-1942 – 1.º-sarg. mec. Joaquim Macedo Girão
30-3-1942 – 2.º-ten. Av. Francisco Lobato Faria
31-8-1943 – 2.º-ten. Av. Leopoldo C. Sameiro Jor.
22-10-1945 – 1.º-ten. Av. Félix M. Fernandes Lobo
22-10-1945 – 2.º-sarg. mec. 1025 José Antunes Nogueira
23-10-1945 – 1.º-teleg. 3423 António Luís Pacheco.

Propositadamente deixei para o fim a parte negativa desta reportagem. É absolutamente lamentável que a estas cerimónias tenham assistido apenas pouco mais que uma dezena de pessoas! Onde estão os antigos oficiais, sargentos, praças e civis da Aeronáutica Naval? Onde estão os familiares e amigos dos mortos? Onde estão as entidades oficiais que costumam abrilhantar estas cerimónias?
Enfim, foi triste, muito triste, ver a igreja vazia, numa homenagem de tão grande significado. Sim, porque convém não esquecer que a Aviação Naval foi um alfobre de heróis e um dos ramos da Armada que mais lustre e glória lhe trouxeram, sem esquecer a sua natural acção humanitária na procura de náufragos de navios afundados na 2.ª Guerra Mundial.
Espero que no ano que vem a igreja dos Jerónimos seja pequena para conter todos quantos querem, e devem, estar presentes à cerimónia. Assim o reclama a tradição, assim o exige a memória desses gloriosos mortos, assim o impõe o sentimento desta grande família que é a Armada nacional.

A NOVA CORVETA «BAPTISTA DE ANDRADE»

No passado dia 19 de Novembro foi entregue à Armada e integrada nos seus efectivos a corveta «Baptista de Andrade», o primeiro navio de uma segunda série de corvetas da classe «João Coutinho», construido nos estaleiros da Empresa Nacional «Bazan» de Construcciones Navales Militares, em Cartagena.
O acto da entrega teve lugar no Arsenal da Marinha Espanhola tendo a ele assistido o director das Construções Navais, comodoro Rogério de Oliveira, em representação do chefe do Estado-Maior da Armada e autoridades locais entre as quais se distinguia o capitão-general espanhol da zona marítima do Mediterrâneo, almirante Yusti Pita.
A cerimónia decorreu com simplicidade mas com alta dignidade, tendo nela tomado posse do comando o capitão-tenente Contreras de Passos.
A corveta «Baptista de Andrade» possui características da primeira série de corvetas, mas é dotada de artilharia anti-aérea e de superfície, e de equipamentos de detecção aérea e submarina, comunicações e informações de combate, muito mais modernos e eficazes do que os daquela série da classe.



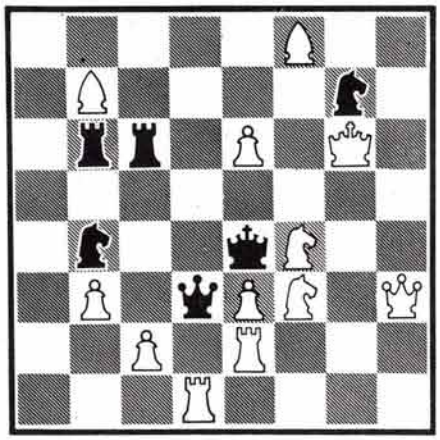
Quarto de Folga

FOTOGRAFIA AO SOM

Não sei, evidentemente, se todos os leitores deste apontamento anedótico já tiveram ocasião de presenciar o lançamento e rebentamento de uma bomba de profundidade, mesmo os pertencentes a «estas casas». Para os que responderiam «eu não» sinto-me na obrigação de dizer qualquer coisa que os introduza no senso anedótico do que se pretende contar.
As bombas de profundidade são uns engenhos que, lançados à água por diferentes processos, vão rebentar a profundidades reguláveis. O seu rebentamento é assinalado por um tremendo estrondo simultâneo com um estremecimento tal, no sítio do rebentamento, que até perturba a imagem do mar nesse sítio como se momentaneamente tivessemos uma fotografia local tremida. Conforme a profundidade regulada e sempre uns bons segundos depois, surge uma explosão espectacular de água à superfície, produto da martelada que a mesma sofre, quando da tremenda deflagração do explosivo, rebentando dentro dela. É esta martelada de água que, apanhando o submarino, o «mata».
Esta massa de água, atirada ao ar com tremenda violência, fotografada na devida altura do seu aparecimento e em bom instântaneo, proporciona notáveis fotografias não muito fáceis de obter em óptimas condições.
Ora, por alturas dos anos trinta, um notável grupo de guardas-marinhas andava espalhado pelos célebres destroyers tipo «Vouga«, fizeram as delícias da sua infância na vida do mar e, um belo dia, o navio em que o episódio se deu, saiu para o largo para lançar ao mar uma bomba de profundidade e... matar peixinhos.
O acontecimento alvoraçou praticamente todos, pois talvez todos os elementos da guarnição, desde o Comandante ao mais ínfimo grumete, fossem assistir ao acontecimento pela primeira vez.
À hora prevista lá estavam os fotógrafos amadores prontos a caçar uma imagem que os tornasse célebres para a posteridade. Calcula-se o nervosismo que os tomara inteiramente com medo de falhar tal fotografia quer por inexperiência quer por outro motivo qualquer, tanto mais que só se lançava uma bomba.
À ordem de fogo, esperada com ansiedade, a bomba caíu à água, cumprindo a sua obrigação. Passaram-se segundos que pareceram séculos e, de repente, um estrondo tipo martelada seguido da tal tremura geral da água do local, se fez ouvir mesmo para surdos. Todos os aparelhos fotográficos dispararam.
As caras dos fotógrafos ficaram suspensas pois nada viram que justificasse a fotografia. Não durou muito tempo que aparecesse então a tal aguaçada atirada violentamente para o ar e a grande altura, precisamente aquilo que merecia o disparo da fotografia mas... ninguém tinha tido tempo nem a ideia de armar novamente as máquinas fotográficas.
Um fotógrafo, particularmente irritado com o acontecimento, praguejava contra a sua burrice e inexperiência...
A esse, alguém consolou-o com o seguinte comentário:
– Deixa lá, tiraste uma boa fotografia ao som o que não é menos notável. Que eu saiba, até agora ninguém conseguiu.

Capt. Zuzara

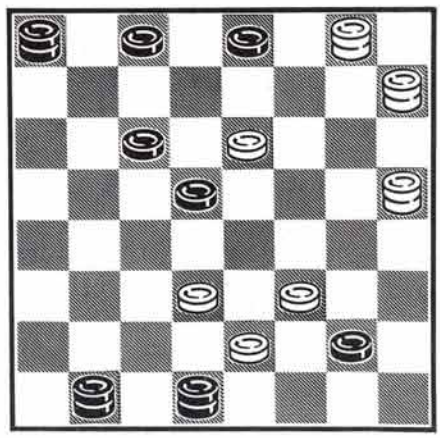
XADREZ



As brancas jogam e dão mate em dois lances.

(Solução na pág. 34)

DAMAS



As brancas jogam e ganham

(Solução na pág. 34)

RISO CHINÊS

Um jovem casal e seu filhinho de 15 meses tinham ido jantar a um restaurante chinês. O bebé parecia muito contente e não parava de falar na sua própria linguagem. Os orgulhosos pais também o estavam, achando-o muito espertinho.

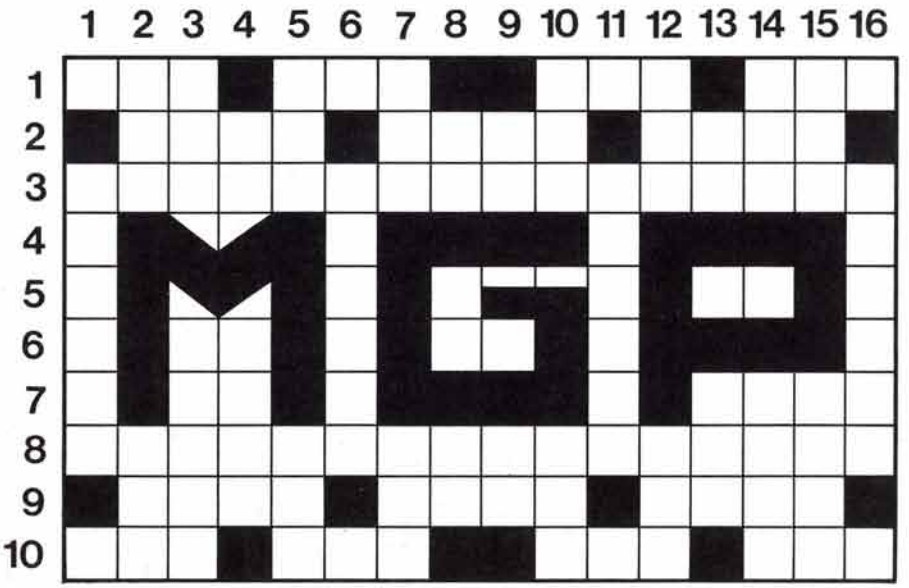
– Até que o «garçon» apareceu com mais dois pratos de ovos à Fu Yong, alegando que fora isso que o bebé havia pedido.

Apresentado por 838/73 mar. L Marques

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução na pág. 34)

A. Fardilha
Mar. L RAb



HORIZONTAIS: 1 – Nome de homem; queira muito; mil e seiscentos; consoantes de netos. 2 – Fazer subir; queima cigarros; outro nome de Jerusalém. 3 – Duma maneira bizarra e original. 5 – A mim. 6 – Eles; acusada. 7 – Letra grega; constam. 8 – Por especial deferência. 9 – Leito; parede; queima-se. 10 – Reles; grito animal; isolados; data.

VERTICAIS: 1 – Oeste. 2 – Gritos de dor; noventa e um. 3 – Aqui (francês); calculas. 4 – Antes de Cristo; constem. 5 – Altar; madeira. 6 – Consoantes de democrático. 7 – Letra do alfabeto; imã. 8 – Povoação do concelho de Oliveira de Azemeis; antiga cidade da Caldeia; alternativa. 9 – Nota musical; número (abr.). 10 – Vocábulo muito usado em nomes escoceses; cont. prep. e artigo. 11 – Grande general Cartaginês. 12 – Curso de sargentos milicianos; contrariedade. 13 – Vogais de Rife; ente. 14 – Não (francês); advérbio de lugar. 15 – Trotil; confiar. 16 – Tire as escamas.

PROBLEMAS PARA ENTRETER

Apresentamos neste número, da publicação já referida anteriormente, os problemas 4 e 5.

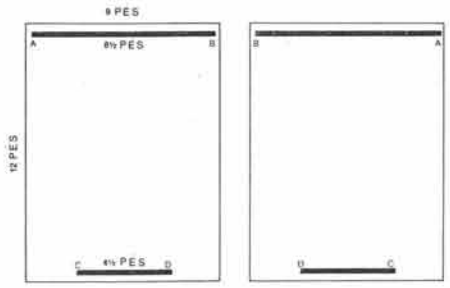


Fig. 4

4 – Uma sala com as dimensões indicadas na figura 4 tem duas estantes para livros com as dimensões também indicadas. As estantes estão centradas e afastadas da parede uma polegada. Os livros são raridades no campo da literatura erótica e o dono recebe a notícia da visita do irmão acompanhado dos filhos adolescentes. Para proteger tantos livros como os sobrinhos resolve voltar as estantes com a frente para a parede. Portanto cada estante deve ficar na posição inicial mas com a frente voltada para a parede. Como são pesadas só poderá movê-las levantando uma extremidade e rodando-a fazendo a outra de centro (pivot). Para o efeito considera-se a estante como um segmento de recta. As estantes não podem esbarrar uma na outra nem podem «furar» as paredes. Pergunta-se: qual é o número mínimo de rotações necessário para voltar as duas estantes?

5 – O peixe indicado na figura 5 é feito com 8 palitos e um botão.

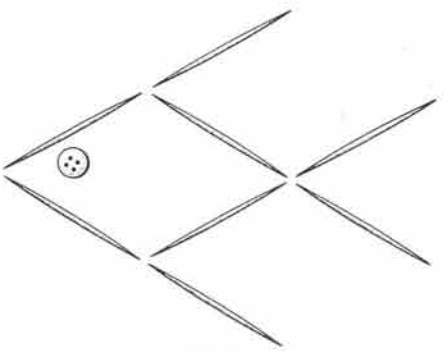


Fig. 5

Pretende-se inverter o sentido em que o peixe nada ficando com o rabo para a esquerda e a cabeça para a direita, mudando apenas três palitos e o botão.

(Solução no próximo número)

O. Lemos
Cap.-frag.

SOLUÇÕES

CURIOSIDADES

$$\frac{\sqrt{1}}{1}$$

XADREZ

1. Cf4 – d5

Descubra a jogada definitiva.

DAMAS

Brancas		Pretas
1.	11 – 15	19 – 12
2.	10 – 13	3 – 10
3.	13 – 18	4 – 21
4.	17 – 27	30 – 23
5.	25 – 28	32 – 26
6.	29 – 1	e ganham.

PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS: 1 – Rui; ame; MDC, nts. 2 – Içar; fuma; Sion. 3 – Psicadelicamente. 5 – Me. 6 – Os; ré. 7 – Ro; soam. 8 – Excepcionalmente. 9 – Cama; muro; arde. 10 – Vis; ulo; sós; era.

VERTICAIS: 1 – Poente. 2 – Uis; XCI. 3 – Ici; orças. 4 – Ac; soem. 5 – Ara; pau. 6 – Dmcrtc. 7 – Efe; imo. 8 – UI; Ur; ou. 9 – Mi; Nr. 10 – Mac; aos. 11 – Aníbal. 12 – CSM; mas. 13 – Ie; ser. 14 – Non; onde. 15 – TNT; ater. 16 – Escame.

– Não sei porque o padeiro me olha assim tanto!
– Se calhar é por teres a saia «risada nos terceiros»!

SOLUÇÃO DO CONCURSO N.º 38

– Rondar a talha: Alar pelo tirador para lhe tirar a folga.
– Alar a talha a beijo: Alar pelo tirador até os 2 cadernais se juntarem.
– Tocar a talha: Puxar abaixo o cadernal móvel, para o que é algumas vezes necessário recorrer os cordões, puxando ordenadamente por cada um deles.
– Sobrar a talha: Virar o pandeiro do tirador, para que o seu chicote fique por baixo.
– Morder a talha: Aguentar o tirador junto ao cadernal fixo, quer à mão, quer abotoando os 2 primeiros cordões um para o outro, a fim de se poder dar volta ao tirador em qualquer ponto sem folgar.
– Alar a talha de mão em mão: Alar seguidamente sem os homens mudarem de lugar, pegando no tirador com uma e outra mão alternadamente.
– Alar a talha à lupa: Rondá-la por meio de puxões.
– Alar a talha de leva arriba: Alar o tirador caminhando os homens com ele, sem parar.
– Pôr a talha clara: Talha com os cordões safos uns dos outros.

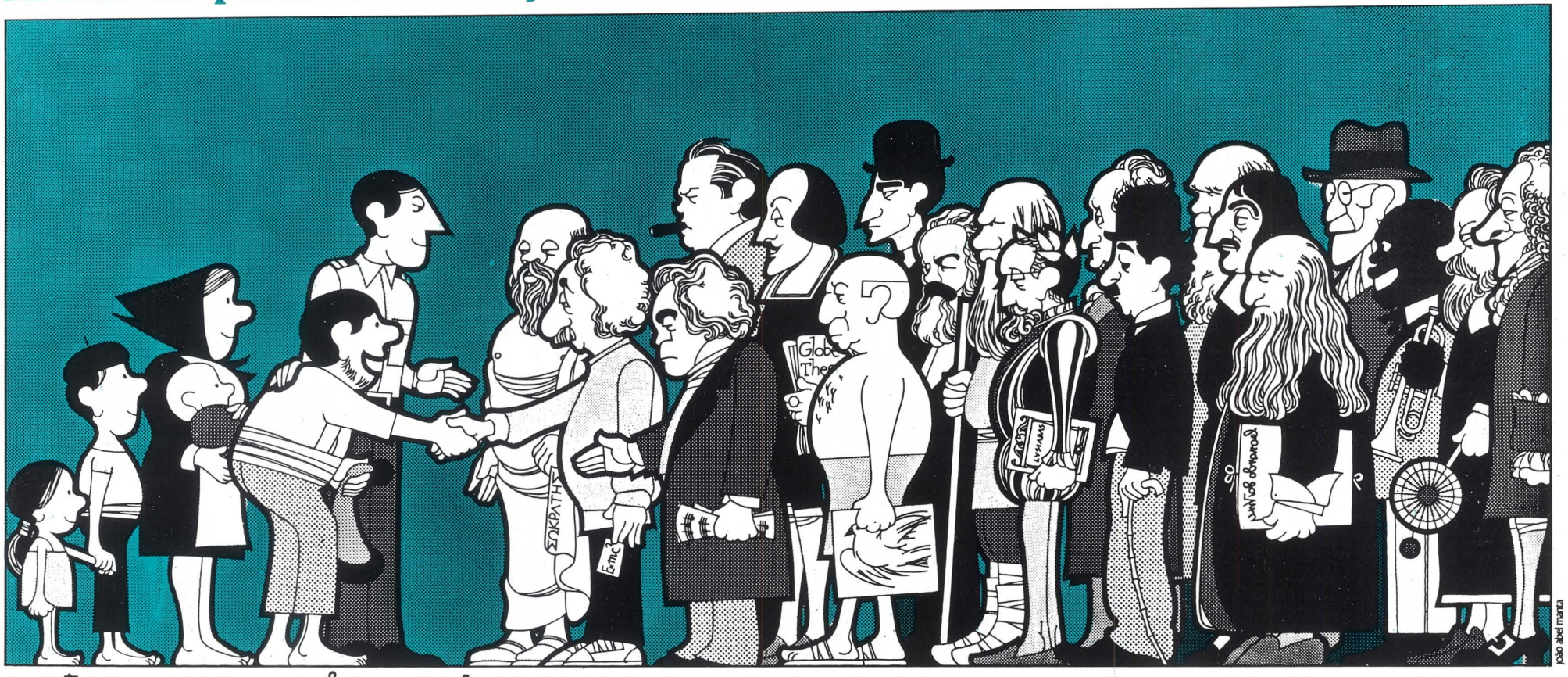
VENCEDOR:
Não houve respostas certas ou completas.

CONCURSO Nº 40

Sorteio de um prémio entre as respostas certas

MOVIMENTO
boletim informativo DAS FORÇAS ARMADAS
Direcção: COMISSÃO COORDENADORA DO PROGRAMA DO M.F.A.

M. F. A. Campanha de dinamização cultural



muito prazer em conhecer vocelências

Indique quem são as personagens que figuram neste «poster» do n.º 4 do «MOVIMENTO» – Boletim Informativo das Forças Armadas

CONTINENTE e ILHAS

ALGARVE
Ermida
de Nossa Senhora
da Rocha

(Foto do cap.-ten. AN Caeiro Junça)

MADEIRA
Praia da Ilha
de Porto Santo

(Foto Perestrello)

AÇORES
S. Miguel - Furnas
Aspecto do Parque
Terra Nostra

(Foto de autor desconhecido)